



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras / Instituto de Ciências Sociais

*Tolerância da diversidade sexual: uma análise da comparação
da presença da população homossexual entre o Brasil e a
China*

Mestrado em Estudos Brasileiros

Mi Yan

2023

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre, orientada pelo
Professor Doutor João de Pina-Cabral

RESUMO

A homossexualidade é um fenômeno de abrangência universal, sem se limitar a um tempo ou território em particular. Este trabalho tem como objetivo fazer um perfil da presença da população homossexual no Brasil e na China comparativamente. No âmbito da dimensão histórica, a existência de população homossexual torna-se patente sempre que a sociedade permite maior liberdade de expressão, tanto no Brasil quanto na China. É de ressaltar que, o movimento homossexual se desenvolveu em circunstâncias adversas em ambos os países, na medida em que alguns aspetos, particularmente a religião no Brasil, afetam as atitudes do povo brasileiro em relação às pessoas homossexuais, provocando várias ocorrências homofóbicas. Já na China, a ideologia de raiz histórica confuciana ("Piedade Filial", "Cortesia" e "Moderação") ganha mais terreno na vida do povo chinês, sendo um elemento contrário à presença pública da homossexualidade entre chineses. Para além de uma breve reflexão sobre a produção discursiva dos autores profissionais referente a esta área, este trabalho tem ainda o objetivo de analisar outro fator, nomeadamente os meios de comunicação que, nestes dois países, fazem com que a homossexualidade seja menos sujeita a discriminação do que antes. Este trabalho, de âmbito comparativo, mostra que, se bem que os dois países sejam muito distintos, é semelhante a persistência das pessoas homossexuais em fazer ouvir as suas vozes e o seu desejo de plena participação na vida social.

Palavras-chave: Homossexualidade; Comparação; Orientação sexual; Movimento homossexual

ABSTRACT

Homosexuality is a phenomenon of universal scope and is not limited to a particular period of time nor a determined territory. This dissertation aims to conduct a comparative study of the homosexual population in Brazil and China. From a historical dimension, the existence of homosexual population has become evident whenever society allows greater freedom of expression, both in Brazil and China. It is important to emphasise that the homosexual movement in both countries developed under unfavourable circumstances, as certain aspects, particularly religion in Brazil, affect the attitudes of the Brazilian people towards homosexuals, leading to several homophobic occurrences. In China, on the other hand, the ideology of the historical Confucian roots ("Filial Piety", "Courtesy" and "Moderation") gains more ground in the lives of Chinese people, and has become an element against the public presence of homosexuality among Chinese. In addition to a brief reflection on the discursive production of professional authors concerning this area, this work also aims to analyse another factor, namely the media that, in these two countries, has made homosexuality less subject to discrimination than before. This comparative work shows that, although the two countries are very different in many aspects, there are similarities in term of the homosexual people making their voices heard and their desire for full participation in social life.

Key words: Homosexuality; Comparison; Sexual orientation; Homosexual movement

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor João de Pina-Cabral, meu orientador, pela disponibilidade, pelo aconselhamento assertivo, pela manifestação de total apoio, pelas sugestões e opiniões, colaborações na resolução de dúvidas que surgiram durante a realização desta dissertação.

O meu agradecimento sincero à Faculdade de Letras e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, seus docentes e funcionários que me deram apoios no meu percurso académico.

À Professora Doutora Alva Martinez Teixeira, Diretora do Mestrado em Estudos Brasileiros, pela sua responsabilidade.

À Professora Doutora Simone Frangella e Professora Doutora Susana de Matos Viegas que me proporcionaram bastantes conhecimentos sobre área de antropologia e me inspiraram muito.

Ao meu pai, minha mãe e aos meus avós, pelo amor e atenção que sempre me deram nos momentos difíceis.

Gostaria, especialmente, de agradecer ao meu namorado Bruno Chen, pelo amor incondicional e acompanhamento permanente durante a minha estadia em Portugal.

Por último, a todos que me deram apoio que contribui para melhorar e finalizar minha dissertação.

ÍNDICE

RESUMO	2
ABSTRACT	3
AGRADECIMENTO	4
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	9
O DESENVOLVIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL E NA CHINA ...	9
1.1 A homossexualidade no Brasil	9
1.1.1 Transformação da imagem social da homossexualidade no século XIX e XX ...	9
1.1.2 Vivência limitada da homossexualidade nos anos 50 e 60	14
1.1.3 A construção da imagem pública da homossexualidade no Brasil após o advento do movimento homossexual – Rebelião de Stonewall (1969)	20
1.1.4 A dinâmica do movimento homossexual no Brasil.	25
1.2 A homossexualidade na China	31
1.2.1 A presença homossexual na Antiguidade chinesa	31
1.2.2 A queda de tolerância chinesa para a homossexualidade	36
1.3 Sumário: a coexistência de resistência e intolerância	40
CAPÍTULO 2	44
AMOR HOMOERÓTICO EM PERSPETIVA RELIGIOSA BRASILEIRA E IDEOLÓGICA CHINESA.	44
2.1 Homossexualidade na religião brasileira evangélica.	44
2.1.1 Homossexualidade: desvio sexual no panorama bíblico.	44
2.1.2 Influência espiritual e “cura” em culto evangélico	52
2.2 Homossexualidade na ideologia chinesa.	57
2.2.1 “Piedade Filial”, “Cortesia” e “Moderação”	58
2.2.2 Opções dos homossexuais chineses	63
2.3 Sumário: ambiente adverso e estratégia da adaptação à sociedade heterossexual. ...	66
CAPÍTULO 3	68
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE BRASILEIRA E CHINESA NA INDÚSTRIA CULTURAL	68
3.1 Homossexualidade na teledramaturgia brasileira	68

3.1.1 Panorama histórico da homossexualidade na teledramaturgia brasileira	68
3.1.2 Modelo heteronormativo da homossexualidade na telenovela brasileira	75
3.2 Homossexualidade na teledramaturgia chinesa	78
3.2.1 Desenvolvimento da homossexualidade na telenovela chinesa	78
3.2.2 Bromance na telenovela chinesa continental	81
3.3 Sumário: amor discreto na telenovela	83
CONCLUSÃO	86
BIBLIOGRAFIA	89

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento da civilização humana, a visibilidade da presença homossexual veio aumentando na vida social de todo mundo. Hoje em dia, tanto no Brasil quanto na China, os temas relacionados com a homossexualidade e sexualidade continuam em destaque, suscitando larga polêmica na sociedade moderna. Verifica-se que os homossexuais são alvo de crítica por indivíduos conservadores, enquanto também há bastantes pessoas que levantam argumentos para defenderem os direitos da comunidade homossexual. Portanto, é necessário levar a sério a questão de como compreender adequadamente a homossexualidade e como lidar com a minoria sexual, incluindo sujeitos homossexuais.

Por homossexualidade queremos dizer a existência de relacionamentos afetivos ou sexuais estabelecidos por pessoas do mesmo sexo, independentemente da raça, da idade e da classe social. É possível constatar-se que o amor homoerótico não se restringe a um tempo determinado nem a um lugar demarcado, existindo em todas as nações e todos os períodos da história humana. Mesmo que o fenômeno da homossexualidade se observe igualmente em ambos os países, é relevante notar que a representação da homossexualidade é muito diferenciada. Assim, interessa-me em realizar uma comparação da presença e cultura homossexual no Brasil e na China e acredito que a análise dos aspectos semelhantes destes dois países permite uma melhor compreensão da homossexualidade, enquanto as diferenças possibilitam o aumento do grau de tolerância do público para com a diversidade sexual.

Esta dissertação consiste em três capítulos: no primeiro, é apresentada uma introdução do desenvolvimento da homossexualidade no Brasil e na China a fim de fazer uma análise comparativa entre os dois países a partir da perspectiva histórica. A seguir, no segundo capítulo, analisa-se os ambientes adversos enfrentados pelos homossexuais brasileiros e chineses devido, respectivamente, à influência da religião evangélica e à ideologia confuciana. Nessa parte, também se abordam as estratégias desenvolvidas por pessoas homossexuais para adaptação a uma sociedade dominada

por concepções heterossexuais. A ênfase do último capítulo encontra-se na dimensão cultural. Aí se aborda particularmente as representações sociais da homossexualidade brasileira e chinesa por meio da produção televisiva.

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL E NA CHINA

1.1 A homossexualidade no Brasil

1.1.1 Transformação da imagem social da homossexualidade no século XIX e XX

No dia 29 de julho de 1591, perante a mesa do Santo Ofício da Inquisição, foi realizada uma primeira confissão por padre, Frutuoso Álvares, que era Vigário de Maotim. Vale frisar que este primeiro “crime” cometido pelo sacerdote não foi um assunto de heresia com que o Tribunal do Santo Ofício lidava principalmente, mas se tratava de atos homoeróticos. Sem ser chamado, este padre cumpriu a penitência na mesa:

de 15 anos a esta parte que há que está nesta capitania da Bahia de Todos os Santos, cometeu a torpeza dos tocamientos desonestos com algumas 40 pessoas, pouco mais ou menos, abraçando, beijando, a saber, Cristóvão de Aguiar, mancebo de 18 anos. [...] E assim também tocou no membro desonesto [pênis] [de] Antônio, moço de 17 anos. [...] E assim com outros muitos moços e mancebos que não conhece nem sabe os nomes, nem onde estejam, teve tocamientos desonestos e torpes em suas naturas (ANTT, IL, proc. 5.846, fls. 2-3v apud SILVA, 2016, p.66).

Não é surpreendente que somente pecado e erro merecem a confissão. No tempo colonial, o crime de sodomia era considerado como “pecado nefando” que podia ser

condenado à pena capital¹, uma vez que assim a memória do corpo não podia ser guardada e escutada (MOTT, 1992, p.172). Durante a regência de Dom Sebastião (1554-1578), conforme a “Lei sobre o pecado de sodomia” no Regimento de 1574, considerava-se que as pessoas que realizavam atos homoeróticos arruinavam a limpeza do Reino (MOTT, 1992, p.172). Além disso, nas Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia de 1707, o homoerotismo ainda constituía “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo” (apud FRY, 2012, p.35).

Assim, é de extrema importância acentuar que a transformação do papel social da homossexualidade se começou a observar na segunda metade do século XIX, visto que, naquele momento, o tema homossexual começou a ser ventilado sob a perspectiva da medicina em vez da criminologia, tanto na Europa como no Brasil. Naquela época, formou-se a ideia de que a causa de homossexualidade era mais biológica, e ainda houve outra preocupação que tinha em consideração o fator de ambiente social a partir dos argumentos científicos.

Nessa época, a homossexualidade foi vista como um tópico relevante entre os médicos mais corajosos da Europa tais como Richard von Krafft-Ebing da Alemanha, Havelock Ellis da Inglaterra, Gregorio Marañón da Espanha, etc. Aliás, não podemos negar os pioneiros do Brasil, como os doutores Pires de Almeida, Leonídio Ribeiro, etc.

Convém ressaltar que, na tendência da época, a prática homoerótica se tornou um ato caracterizado pelo sintoma patológico. Para Krafft-Ebing, após escutar as “confissões” dos homossexuais que posteriormente constaram no seu livro *Psicopatia Sexualis*, ele afirmou que a homossexualidade era uma doença psicopática que se traduzia em indícios de “degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia” (FRY, 2012, p.37).

No Brasil, Leonídio Ribeiro conferiu ênfase especial às glândulas endócrinas na causa da transformação da sexualidade humana. No seu livro *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938), ele ainda procurou aprofundar a concepção do

¹ Em 1551, deu-se a primeira condenação à morte na fogueira de um sodomita em Évora (MENDONÇA; MOREIRA, 1845, p. 292-293)

Interssexualismo criada por Goldsmidt e Marañón, buscando desvendar que não será possível encontrar o homem ou uma mulher “com cem por cento de seu verdadeiro sexo” devido às causas orgânicas (RIBEIRO, 1938, p.102). Além disso, ele realizou as observações de 195 homossexuais em laboratório de Antropologia Criminal com pessoal técnico, chegando à conclusão de que a glândula endócrina desempenha um papel relevante na inversão sexual:

Donde se conclui que, em quase dois terços dos casos por nós estudados, havia pelo menos um sinal de desvio da normalidade somática, sendo que em 60% ficou apurada a hipotensão arterial nítida, havendo em mais de 50% uma distribuição anormal dos pelos do púbis. Tais fatos revelam indiscutivelmente distúrbios acentuados da fórmula endocrínica, especialmente em relação com as funções das glândulas suprarrenais (RIBEIRO, 1938, p.105)

Em 1906, Dr. José Ricardo Pires de Almeida publicou o livro *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro); estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital* em que procurou demonstrar o caráter libidinoso do ato homoerótico, o que seria desfavorável à saúde. É de se ressaltar que o sufixo “-ismo” do título do livro indica uma patologia, uma doença. Não é estranho que a doença necessite de cura. Assim, no livro, o médico Pires de Almeida sugeria alguns meios dedicados à prevenção desta “doença”, como organização de aulas de bons costumes e comportamentos, imposição de castigos, etc. Em relação aos “pacientes”, o autor dividiu-os em dois grupos categorizados, uns são “invertidos” que nasceram com a tendência e característica da homossexualidade, que nunca sentiram atração por indivíduos do sexo oposto, enquanto outros são “pervertidos”, que se tornaram homossexuais por algum motivo no processo de crescimento (PIRES DE ALMEIDA, 1906, p.254). Na ótica do autor, os “invertidos” seriam mais complicados para “recuperação de saúde”. Contudo o tratamento principal para qualquer grupo seria um retorno à moralidade (ibidem, p.254)

Há que referir como as causas sociais, experienciais, podem suscitar, eventualmente, o aparecimento da orientação sexual. Como o fundador de psicanálise, Sigmund Freud sublinhou que a tendência homossexual, em certos casos, seria influenciada pelos ambientes familiares e sociais. De acordo com a teoria de Freud, no

período de nascimento, as crianças habitam-se a imitar de forma consciente e inconsciente os comportamentos dos pais, o que possivelmente levaria os meninos a identificar mal o alvo de imitação na família marcada pela ausência de pai (VIEIRA, 2009, p.509). Para Freud, que nasceu em uma família judaica, a prática homossexual é entendida como uma manifestação de imaturidade, sendo uma transgressão sexual. Nesse sentido, além do coito heterossexual que coloca a procriação em primeiro lugar, outros atos sexuais são considerados imaturos. Perante esta interpretação, um antropólogo brasileiro Peter Fry refutou que utilizar o termo “imaturidade” seja outra maneira de discriminar o homossexual sem o categorizar como doente, uma vez que, na maioria das famílias, a presença da mãe é mais predominante na realidade. Assim a teoria de Freud parece ser uma repetição da concepção de que a verdadeira saúde só pode ser obtida através da família patriarcal (FRY, 2012, p.44).

É interessante constatar que, sob a perspectiva da medicina, entre os homossexuais, não há hierarquia nítida como existe no Brasil popular em que, nas relações sexuais, o estatuto do “ativo” é superior ao do “passivo”. Conforme os estudos de Fry, o fato de que o ato sexual é concebido em uma relação como “comer” e “dar”, “ficar por cima” e “abrir as pernas”, significa que, para ser melhor compreendido, “quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro” (FRY, 2012, p.28). No entanto, para os médicos, eles não se importaram com quem está por cima ou não. Se um indivíduo adota a prática sexual com outro do mesmo sexo, quer ele seja “ativo” ou “passivo”, do ponto de vista médico, ele era considerado homossexual (ibidem, p.37). Assim podemos verificar que, segundo a ótica da medicina daquele momento, não existe uma hierarquia definida como a que ocorre no que diz respeito ao estatuto do “ativo” ser superior ao do “passivo” na cultura popular brasileira. Além disso, na terminologia da medicina da época, na maioria dos casos, são considerados quatro termos: “monossexual”, “homossexual”, “heterossexual” e “heterogénit”².

² Estes quadros termos são criados pelo médico húngaro Karl Maria Kerbeny. O “monossexual” diz respeito à masturbação pelos dois sexos; “homossexual” implica as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo; heterossexual tange aos atos sexuais entre pessoas do sexo oposto; “heterogénit” indica as práticas eróticas com os animais (KATZ E JONATHAN NED, 2001, p. 57 apud VIEIRA, 2009, p.491).

Embora a imagem social da homossexualidade estivesse no caminho de mudar, as pessoas engajadas ao ato homoerótico ainda eram detidas pela polícia, só que nesse momento eram transportadas para o laboratório em vez da prisão, como o caso supracitado de 195 homossexuais detidos no laboratório de Antropologia Criminal, subordinado ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Sob a proteção de Ciência, esses homossexuais foram tratados e investigados de forma muito preconceituosa, já que foram categorizados como os indivíduos anormais. Naquele momento, o Dr. Bulhões Pedreira ainda levantou uma questão incisiva: “a detenção desses indivíduos não teria sido uma violência?” (RIBEIRO, 1938, p.151). Além do laboratório do Rio de Janeiro, os médicos do Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo também realizaram o experimento para os homossexuais retidos pela polícia, depreciando-os segundo a “ciência” vigente no período, dado que, no relatório, a maior parte dos alvos eram caracterizados por meio de palavras desfavoráveis, tais como a instabilidade, a mediocridade e suscetibilidade (FRY, 2012, p.40). Para os médicos naquela época, em grande medida, a possibilidade da cura apontava para dois caminhos: um foi tratamento pedagógico, outro foi uma operação. O Dr. Ribeiro menciona no seu livro: “um homossexual tem tuberculose dupla dos tecidos, que é preciso castrar; faz-se-lhe o enxerto de um dos testículos ectópicos de um jovem; perde os seus gestos invertidos e casa-se.” (RIBEIRO, 1938, p.93). Podemos verificar que na ótica da medicina da época, os homossexuais eram vistos como pacientes que tinham perdido as corretas funções sexuais por causa da carência de produção testicular saudável. A cura aqui tinha como objetivo principal recuperar a virilidade de atuação do órgão sexual, com a finalidade de levar os “pacientes” a entrar no casamento e realizar a reprodução. Assim, em termos médicos, diferenciava-se a homossexualidade da população em geral, rotulando-a como uma condição anormal.

1.1.2 Vivência limitada da homossexualidade nos anos 50 e 60

Na segunda metade do século XX, experienciou-se por todo o mundo uns “Anos Dourados” em que surgiu uma possibilidade de um sentimento otimista, incluindo no Brasil, dado que, além do fim da Segunda Guerra Mundial, esta época foi caracterizada pelo desenvolvimento tecnológico e comercial, pela transição de cultura, moda entre outros. Na década de 50, o governo brasileiro implementou medidas de abertura, colocando o país numa corrente multinacional, o que trouxe tanto capital estrangeiro quanto uma ideologia de liberdade pessoal.

Nesse contexto, diante da intensa expansão da atividade industrial, inúmeros jovens brasileiros pretendiam buscar a oportunidade do trabalho, migrando sem hesitação para as grandes cidades com maior prosperidade e liberdade, tais como o Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. É de notar que, para além do ganha-pão, o anonimato das metrópoles era muito atraente para os jovens que não corresponderam à construção heteronormativa.

Naquele momento, foram as disseminações das reportagens das revistas e jornais nacionais como *Globo*, *Correio da Manhã*, *Manchete* e *Cruzeiro* que fizeram os jovens das cidades do interior sonhar para viver de forma livre e feliz nas grandes cidades. Em particular, no Carnaval, as reportagens referiam-se a um ambiente que não se conformava com convenções heterocêntricas, relatando os protagonistas travestidos: vestidos, saias longas, acessórios femininos como brincos, colares, perucas e, muito em particular, maquilhagens exageradas e fantasiosas, tal como se mostra na foto abaixo. Percebe-se que o propósito destas descrições dos artigos foi escandalizar o público “das classes médias católicas e conservadores”. No entanto, estas reportagens também desempenharam um papel especial na abertura do horizonte dos jovens sertanejos, incentivando-os a levar uma vida mais ao seu gosto pessoal na capital federal (GREEN, 2015, p.291).



Foliões na Avenida Rio Branco brincam o ‘Carnaval da Vitória’, primeira folia após a Segunda Guerra, em 1946. Na foto, o tradicional costume de homens fantasiados de baianas (Foto: Arquivo / Agência O Globo, está acessível no site: <http://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/Telao-do-Domingao/fotos/2012/02/fotos-mostram-historia-do-carnaval-no-rio-de-janeiro-de-1930-ate-decada-de-80.html#F7742>. A data da última consulta: 5/6/2022)

É possível de se observar que o Carnaval é considerado o momento especial para as pessoas com condutas não normativas. Conforme as letras da música do Carnaval registadas pelo Roberto DaMatta no livro *O Carnaval como um rito de passagem* (1973), não é difícil estabelecer uma empatia com a gente do Carnaval cheio de alegria e liberdade:

Mas é Carnaval/ Não me diga mais quem é você/Amanhã tudo volta ao normal/Deixa a festa acabar/Deixa o barco correr/Deixa o dia raiar/Que hoje eu sou/Da maneira que você me quer/O que você pedir eu lhe dou/Seja você quem for/Seja o que Deus quiser (DaMatta, 1973, p25).

Ressalta-se que o Carnaval é um palco protegido, utilizando o mecanismo para quebrar a hegemonia dos padrões da vida ortodoxa, no qual toda gente tem acesso ao contexto “onde tudo é possível” (DaMatta, 1973, p32). Por conseguinte, constatamos que, ao celebrar o festival carnavalesco, os seres marginais que esconderam a presença visível na vida cotidiana exibiram de forma ambígua e exagerada as suas próprias identidades. Não resta a menor dúvida que os homossexuais são identificados como as figuras marginalizadas, entretanto eles podiam manifestar-se livremente nas folias de

Carnaval. Durante estes quatro dias, as pessoas esqueceram a vergonha estabelecida da ordem social e disfarçaram-se fugindo aos papéis convencionais de género. Os homens travestidos e as mulheres com as características masculinas foram revelados nos bailes das “bonecas” e dos “enxutos” que supostamente, serviram como um abrigo para os indivíduos que sentiam atração por outro do mesmo sexo (GREEN, 2015, p.291). Para os homossexuais, a falta de sociabilidade parecia dar lugar a loucura no carnaval, mesmo para as lésbicas. Nesses dias elas também podiam desfrutar do ambiente livre em que todos os comportamentos impróprios permitidos, já que o Carnaval conformava um contexto onde todas as contradições eram capazes de abrandar ou ser salientadas por serem “invertidos” (DaMatta, 1973, p28).

Assim, as normas sociais adotadas durante o resto do ano não funcionam no Carnaval, o que faz com que as pessoas que sofrem de tratamentos discriminatórios ganhem o momento transitório para poderem expressar-se livremente e viver de modo igual à população em geral. Nesse sentido, na folia do Carnaval, colocando a máscara no rosto, passa a ser possível tirar a máscara imposta pelas identidades sociais que atuam na vida rotineira.

Naquela época, para os homossexuais, o Carnaval era o momento com maior possibilidade e permissibilidade, na medida em que, no Brasil, as legislações em vigor nos séculos XIX e XX reprimiam o ato homoerótico, não obstante as pessoas homossexuais não serem necessariamente figuras ilegais. A alusão das leis configurou a margem do comportamento inapropriado, assim as condutas que não correspondiam padrão heteronormativo iriam transgredir uma regra dos Códigos penais vigentes: “ofender os bons costumes, com exhibições impudicas, atos ou gestos obscenos, atentatórios do pudor, praticados em lugar publico ou frequentado pelo publico, e que, sem ofensa à honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade.” (PIERANGELLI, 1980, p.26 apud GREEN, 2015, p.289). Esta medida marginalizava discretamente os indivíduos homossexuais e regulava os seus comportamentos sem referir um termo singular no que concernia à homossexualidade. Podemos vislumbrar que a aplicação desta medida atribuía à polícia o poder legítimo de controlar a manifestação pública de prática homossexual ou ato não adaptado à norma de género,

como as performatividades femininas representadas pelos homens e as roupas masculinas usadas pelas mulheres.

Além disso, outra medida que estava em efetivação era a detenção por vagabundagem. A polícia podia reter qualquer pessoa que não conseguia fornecer o comprovativo de residência. Isso significa que não foram imunes os locais públicos para realizar o encontro sexual como um canto escuro de um parque. Podemos verificar que, através destas duas medidas, o critério de moralidade operava rigorosamente no dia-a-dia do povo brasileiro, regulando as manifestações públicas consideradas como prejudiciais à concepção ortodoxa. Nesse contexto, ao longo da implementação dos códigos da civilidade, a visibilidade da presença homossexual tornou-se diminuta.

No Brasil, a década de 60 foi marcada pelo cenário efervescente por causa da conjuntura política que deu enfoque ao estabelecimento de um governo militar, caracterizado pelo autoritarismo e por um nacionalismo exacerbado. Naquele momento, a baixa tolerância para a homossexualidade podia ser demonstrada tanto do ponto de vista dos partidos de direita como de esquerda. O grupo da direita aderiu à concepção de que a presença homossexual desviava o padrão de moralidade, afetando a família como a matriz religioso da estabilidade política. Na ótica dos grupos de esquerda, os indivíduos que sentiam atração por outro do mesmo sexo ou que desenvolviam comportamentos que não se conformavam com a norma associada ao sexo biológico eram vistos como uma “decadência capitalista” (GREEN, 2015, p.295).

Desta forma, as grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo serviram como os abrigos de segurança para quem nasceu longe da metrópole e sofreu das intrigas de outrem na sua terra natal devido à diferença na orientação sexual. Porém, consoante uma matéria³ divulgada pela notícia BBC, no período da ditadura militar, as medidas de “higienização” adotadas pelo governo nas grandes cidades em prol da moralidade e dos bons costumes, dirigiram pelo menos “1,5 mil pessoas à prisão, somente na cidade de São Paulo” (Jefferson, 2014). Além disso, é de notar que também no Rio de Janeiro

³ O título da notícia é *LGBTs sofriram torturas mais agressivas, diz CNV*, escrito por Jefferson Puff Da BBC Brasil do Rio de Janeiro no dia 10 de dezembro de 2014. Está acessível no site: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguido_ditadura_rb. Última consulta: 9/6/2022.

havia um aparato repressivo contra as pessoas que eram consideradas “subversão” tanto na orientação sexual quanto na identidade de género. No trabalho de Quinalha, ele relata os cenários de policiamentos nos lugares que os gays e lésbicas costumavam frequentar para encontrar o seu parceiro sexual. Por exemplo, a Galeria Alaska se localizava no bairro de Copacabana, marcada pela concentração de bares e boates, no entanto, havia uma esquadra de polícia que ficava logo do outro lado da rua e que por vezes “convidava” os clientes da galeria a “tomar um cafezinho” no distrito policial. Habitualmente, as pessoas detidas eram submetidas a simples humilhações verbais até a violência física (QUINALHA, 2017, p.176). Quinalha ainda ressalta que estes detidos permaneciam em prisão sem qualquer comunicação nenhuma, em condição psicologicamente instáveis, “recebendo até mesmo menos atenção por parte de familiares e imprensa do que os presos políticos” (ibidem, p.173).

Entretanto, de acordo com a investigação de Green, no início da época da ditadura militar, “a sub-cultura gay e lésbica” criada nas metrópoles não foi em grande medida influenciada pelo golpe militar, mesmo que a medida operada pelo governo fosse desfavorável aos indivíduos homossexuais e os ideais conservadores se difundissem entre o povo brasileiro. A partir deste momento, o rápido desenvolvimento económico impulsionava a indústria cultural, incentivando um acréscimo no consumo de lazer e socialização. Nos pólos culturais e comerciais, abriram-se os estabelecimentos em massa, tais como os bares que ofereciam um espaço de socialização para “uma clientela gay e lésbica” (GREEN, 2000, p.280-281). Constatamos que, a partir de 1967, a sociedade brasileira entrava no caminho da transformação cultural, em que se criava uma nova maneira de compreender a sexualidade, a identidade de género e os comportamentos convencionais entre homem e mulher. Assim, para os brasileiros, particularmente para os jovens, deixou de ser tão inaceitável assistir a shows de travesti, que as vezes, até recebiam aplausos estrondosos.

Além disso, convém frisar que a exuberância das produções culturais no movimento Tropicália (1967-1969) remetia as pessoas para um palco diferente, onde se destacou o carácter inovador das manifestações estéticas, tais como as músicas concebidas por Gilberto Gil e Caetano Veloso, que induziam a ruptura com os tabus,

levando a novos rumos de sexualidade.

Porém, para a ala conservadoras, o elemento de contracultura era considerado algo perigoso e ameaçador. Em 1968, Caetano Veloso foi impedido de terminar a canção “É Proibido Proibir” na medida em que esta canção implicava um pensamento de anarquismo inaceitável, tanto para os partidos de esquerda como os de direita. Assim, ele respondeu com um pequeno discurso após receber as vaias agressivas de militantes na plateia. No discurso, ele anunciou que “Se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos!” (Veloso, 1975 apud COELHO, 1989, p.162-163). Ali, podemos observar a resistência audaciosa dos tropicalistas à repressão do regime autoritário. Como naquela época, para os homossexuais que estavam sujeitos ao tratamento violento pelo governo, o movimento Tropicália parecia abrir uma brecha na hegemonia de autoritarismo, apresentando alguma visão distinta sobre a política e a cultura. Embora os homossexuais não fossem alvos de movimento, diante do cenário repleto de possibilidades e transformações, eles já tinham apanhado automaticamente essa boleia.

Com o objetivo de manter a sociabilidade homoerótica frente ao ambiente hostil a seus comportamentos sexuais, desde 1963 até 1969, vários grupos compostos majoritariamente por sujeitos fugidos dos seus lugar de origem para as grandes cidades em busca do anonimato, se uniram para realizar a publicação do jornal *O Snob* que é um jornal específico com temática homossexual, abrangendo “as fofocas, pontos de encontros, divulgação e comentários de festas, peças teatrais, concursos, jantares e pequenos encontros informais, além de tornar público os encontros amorosos”(COSTA, 2010, p.9). Até em 1969, o jornal *O Snob* juntou-se à Associação Brasileira da Imprensa Gay que foi formada em 1968.

Segundo o Costa, a intenção original de criação do jornal *O Snob* foi relatar as festas e os encontros especiais feitos por participantes destes grupos. Entretanto, à medida que a publicação de artigos aumentava, a função do jornal *O Snob* tornava-se uma plataforma para demonstrar a existência de indivíduos isolados pela sociedade maior e para valorizar suas atuações, como o conteúdo apontado no Snob:

assuntos diversos que interessam os HOMÓFILOS. A fase é de politizar culturalmente. [...] o que nos leva a todos nessa projeção é um ideal comum de humanos a humanos mostrar que nos insurgimos contra uma marginalização que procuram nos impor que o homossexualismo seja apenas uma fome escusa e degradantes de vielas noturnas, ou de luzes coloridas sob o burlesco fantasioso dos palcos de teatros onde alguns travestidos lantejoulam sua realidade, ou de um comportamento sexual exótico, ou ainda uma passividade mórbida. Talvez a natureza não nos tenha dado uma opção, mas a vida nos oferece uma atitude de escolha e podemos numa catarse romper esses liames que nos sufoca e assumir na vida um comportamento lúcido e descontraído evoluindo num sentido positivo e racional do que realmente somos, do que pretendemos (O *Snob*, n.1, 1969 apud COSTA, 2010, p.48).

Podemos vislumbrar que este período marcado por tortura e jugo repressivo do regime militar que realizava severamente o suposto saneamento social e higienização moral a fim de exilar os indivíduos que estavam contra a construção heterocêntrica e a ideologia conservadora. Em contrapartida, também foi um período extraordinário cheio de escolhas e possibilidades individuais e coletivas para aumentar a visibilidade dos sujeitos marginalizados pela sociedade maior.

1.1.3 A construção da imagem pública da homossexualidade no Brasil após o advento do movimento homossexual – Rebelião de Stonewall (1969)

Em 28 de Junho de 1969, no East Village da Nova York, num bar intitulado *Stonewall Inn* teve lugar uma série de incidentes violentos, que foram posteriormente definidos como um marco inicial do movimento LGBT em prol de assegurar os seus direitos. Naquele período, este estabelecimento era um dos mais conhecidos bares destinados à clientela gay nos Estados Unidos, servindo como o espaço privado de lazer para quem era considerado como “desviante” no comportamento sexual.

No dia em que ocorreu a rebelião, a polícia rompeu o pacto de convivência com a

máfia que lhe oferecia a propina, realizando uma agressão policial no bar *Stonewall*. Sob a proteção de lei estadual sobre bebidas alcoólicas, a polícia alegou que este bar não dispunha da licença de venda de bebidas alcoólicas a fim de levar ao encerramento do bar. O início do tumulto foi a tentativa de expulsão dos clientes. Isso inflamou os homossexuais que continham o rancor alimentado pela polícia na vida rotineira. Foi nesse momento que a polícia começou a fazer uso de força para reprimir a multidão inquieta, batendo com cassetes em quem resistia a ser detido. Assim, uma das poucas lésbicas foram atacadas quando se recusavam a ser presas levando toda a campanha a um clímax, o que incitou plenamente a multidão presente. Por conseguinte, a equipa policial foi forçada a se abrigar no bar enquanto todos se reuniram a atirar moedas, caixas de vídeo, pedras, até insultos e xingamentos.

Durante toda a semana, a presença dos indivíduos homossexuais nos Estados Unidos passou da escuridão para a luz, exibindo-se publicamente na rua. Os “rebeldes” mobilizaram quase 2 mil pessoas e alguns grupos de esquerda realizaram manifestações em defesa dos direitos da comunidade LGBT na Christopher Street em que se entoavam os slogans e canções como “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes” etc (FRY, 2012, p.57). Além disso, as palavras no que concernem à reivindicação dos direitos homossexuais pareciam incrustar nos panfletos distribuídos por integrantes.

Claro, não podemos ignorar que a conjuntura e os grupos estabelecidos anteriores fizeram grande contribuição para sucesso do movimento Stonewall. Como a fundação da Sociedade Mattachine em 1950, que visava melhorar a condição de vida dos homossexuais, oferecendo uma plataforma para os ajudar a integrar na sociedade. O nome desta organização presta a homenagem a um grupo francês de máscara, pois o fundador referiu que os gays eram um povo mascarado, escondido e excluído na sociedade, portanto, era necessário unificar os homossexuais para aumentar a visibilidade na sociedade nacional. Em decorrência, a nova organização “One Inc.” e o grupo relativo à homossexualidade feminina “As filhas de Bilits” também desempenharam papéis relevantes no movimento LGBT.

Primordialmente, nos anos 60, uma corrente que era oposta à cultura tradicional e

conservadora nasceu na cidade de São Francisco e logo se espalhou por maior parte do território americano e da Europa Ocidental. Trata-se da assim chamada “Movimento hippie”. Podemos constatar que a intenção deste movimento era romper o sistema dominante, no qual se formava um padrão uniforme para o comportamento ético das pessoas. Algumas das bandas musicais que surgiram nesse contexto estavam conscientes de divulgar a noção de contracultura, dando ênfase à transformação cultural e comportamental e contribuindo para abrir a mente às possibilidades inovadoras. Além disso, não podemos ignorar que o Tropicalismo do Brasil também continha novos elementos criativos do gênero do movimento hippie norte-americano, sendo visto como a maneira de expressão contracultural brasileira.

Sob a atmosfera de contracultura e apoio de organização dirigida ao povo marginalizado, após a Rebelião de Stonewall, criou-se a Frente de Libertação Gay, com o objetivo de materializar as medidas de garantir e respeitar os direitos humanos para os homossexuais. Um ano depois da rebelião, os grupos uniram-se para realizar paradas de Orgulho Gay em comemoração do movimento de Stonewall do ano anterior. Foi assim que a data de 28 de junho foi definida como Dia Internacional do Orgulho LGBT, em que os gays em todo mundo vão fazer celebrações, marcadas por desfiles e paradas com o propósito de sensibilizar a população para combater a homofobia e preconizar a liberdade sexual. Como se observa, o nome deste festival visa que, neste dia, todo mundo pode não sentir vergonha da orientação sexual e se orgulhar do seu comportamento sexual.

A notícia do advento de movimento homossexual nos Estado Unidos foi circulada de forma vertiginosa para todo o território americano e Europa ocidental. Devido a ser incentivada, os indivíduos homossexuais da Argentina fundaram o primeiro grupo homossexual na América Latina. Até em 1971, criou-se a Frente de Liberación Homossexual que se tornou o primeiro boletim destinado ao público homossexual no Continente do Sul (MOTT, 1994, p. 11).

Em termos de dimensão territorial, o Brasil é o maior país na América do Sul. Contudo, por causa da repressão da ditadura militar, o movimento em defesa dos direitos civis dos homossexuais demorou mais para se iniciar em comparação com

outros países. No mesmo ano em que ocorreu a rebelião de Stonewall, o Brasil ainda estava no período mais sombrio da ditadura em que o Ato Institucional n.5 (AI-5) agia rigorosamente. Este decreto AI-5 era uma estratégia de conter a resistência realizada por pessoas revolucionárias que se engajaram contra o autoritarismo do regime militar. É possível observar que a época do AI-5 caracterizada pela exacerbação de censura moralista e tortura. Nesse contexto, em razão da “preocupação em ser confundido com publicações subversivas das esquerdas clandestinas”, o jornal supracitado *O Snob* que produziu 100 números entre 1963 e 1969, deixou de circular (GREEN, 2015, p.296). De acordo com a investigação de Green, *O Snob* não foi a única vítima, as publicações de imitadores do jornal *Snob* e as atividades da Associação Brasileira da Imprensa também foram suspensas (GREEN, 2000, p.281).

Mesmo que o festival do Carnaval ainda fosse um abrigo dos homossexuais do Brasil para expressar as suas identidades sexuais, no período em que o AI-5 estava em vigor, os administradores de alguns lugares como o Recife tomaram várias medidas coercivas para restringir à presença homossexual, como a proibição dos homossexuais e travestis desfilarem em agremiação carnavalesca. Diante da perseguição aos homossexuais, a tentativa de organização de bailes carnavalescos exclusivos para as pessoas que possuíram procedimentos fora do padrão de gênero seria vista como uma forma de resistência. Contudo, o plano deste baile foi abortado pelas autoridades policiais. O delegado da Secretaria de Segurança Pública julgou que “quem proíbe a participação dos homossexuais e as bonecas nos festejos momescos é a lei.” (DOS SANTOS, 2021, p.148). Percebe-se que a negação da solução foi entendida como uma maneira de inibir o desenvolvimento da homossexualidade. Além disso, em 1971, os homossexuais ou os homens vestidos de mulher até foram proibidos de circular pelos caminhos do Recife durante as festividades carnavalescas (ibidem, p.149).

Nesse período, na maior parte do mundo ocidental, particularmente nos Estados Unidos, revelou-se a transformação da “política de identidade”, com o surgimento dos movimentos negros e feministas que começaram a prestar atenção às minorias sociais que sofriam de negligência na vida rotineira (COSTA, 2010, p.11). Embora os movimentos protagonizados pelas minorias ainda fossem incipientes no Brasil, não

podemos negar o aumento dos protestos mobilizados por estudantes, operários, artistas e intelectuais contra a perseguição do regime militar. Era visível um forte desejo generalizado de reivindicar liberdades democráticas e o fim da ditadura. Assim, em 1969, antes da cessação de publicação, *O Snob* editou um texto, denominado “Protesto”, onde se desenrolava uma cena fictícia em que uma organização de homossexuais e de travestis decidiu enfrentar o ambiente hostil para as pessoas engajadas em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo e aos indivíduos que violavam as normativas do género. Podemos verificar que a descrição desta cena implicava a intenção inicial de estabelecer um grupo político de homossexuais e travestis (GREEN, 2015, p.296). Porém, a implementação do AI-5 impossibilitou a fundação da organização de gays, lésbicas e travestis, travando o surgimento do movimento homossexual no Brasil.

Mesmo assim, alguns ideais oriundos dos Estados Unidos, tais como “Viver conforme sua consciência”, “Sair do armário”, “Reconhecer a sua identidade” chegaram ao território da América do Sul. É suficiente para se perceber que a preconização de liberdade de amar e de afirmação de sexualidade não normativa ganhava a força na sociedade. Conforme a reflexão do antropólogo Peter Fry, há evidência de que naquele momento, o costume antigo de ocultar a sua orientação sexual passou a ser visto não apenas como sendo “prejudicial”, mas “vergonhoso”. No mundo ocidental, ainda foi considerada moda a utilização de sinais de referência de homossexualidade. Além disso, no Brasil, a tolerância para as pessoas com características homossexuais passou a ser comum particularmente “entre pessoas que desfrutam de uma maior independência socioeconómica” (FRY, 2012, p.57)

Foi nesse período de maior intensidade de repressão ditatorial que surgiram vários artistas ousados como Caetano Veloso, Dzi Croquettes, Ângela RoRo, Secos e Molhados, Ney Matogrosso e outros, desafiando a categorização no que concerne aos papéis sexuais. As apresentações destes artistas foram continuações do movimento tropicalista, levando a estética e ética da sociedade brasileira a um novo patamar. O antropólogo Edward MacRae aponta que, diante da “impossibilidade de se organizar “politicamente”, uma nova geração de jovens passou a fazer “contestação cultural”,

buscando minar a “moral burguesa”, na direção do sexo, drogas e rock’n roll.” (MACRAE, 2018, p.25).

No palco, Dzi Croquette, um grupo de rapazes vestidos de trajes destacados por uma combinação de características femininas e masculinas, utilizando maquiagem exagerada, construiu um espetáculo de dança excêntrica. Este impacto visual implicou uma ambiguidade de gênero, atacando as normativas sobre papéis sexuais. Nesse sentido, a postura homossexual começou a sair da clandestinidade para se tornar pública. Convém lembrar que esta imagem da androginia ganhou grande repercussão e sucesso na cultura brasileira, quer dizer, a sensibilização do público aos aspetos marginais torna-se cada vez mais acentuada.

Nessa época, revela-se a dificuldade de organização do movimento em prol de reivindicação dos direitos homossexuais perante o ambiente hostil, em sintonia com a transformação positiva nas atitudes das pessoas em relação à homossexualidade., principalmente entre estudantes e intelectuais.

1.1.4 A dinâmica do movimento homossexual no Brasil

O início do período da abertura do Brasil deu-se em 1974. Nessa época, destacou-se a resistência em diversas frentes. As greves realizadas por operários em defesa dos direitos de trabalhadores, as manifestações organizadas pela união dos estudantes, os movimentos negros e feministas foram episódios relevantes no processo de abertura política que tinha como objetivo defender a democracia.

Diante da união dos opositores, no ano de 1976, João Silvério Trevisan concebeu uma ideia de fundar um grupo voltado à discussão homossexual. No plano inicial, ele pretendeu convocar os interessados para comunicar os tópicos em torno da homossexualidade e os pensamentos que trazia após os contatos com os aspetos da contracultura dos Estados Unidos. Até ao fim do ano, esse grupo foi criado maioritariamente por membros das profissões liberais. Naquele momento, os

participantes se reuniram para estudar algum artigo publicado pela Frente de Libertação Homossexual da Argentina (MACRAE, 2018, p.166-167). Mesmo que esse grupo se dissolvesse em poucas semanas, podemos vislumbrar os sinais do surgimento do movimento homossexual no Brasil.

De acordo com a análise de MacRae, também foi nessa época de transição que os homossexuais na metrópole de São Paulo começaram a sair da escuridão e circular na rua. Em certos casos, eles abraçavam amantes do mesmo sexo e se beijavam na boca. Ainda que as forças conservadoras utilizassem a imprensa para divulgar preconceitos sobre pessoas homossexuais, alimentando as atitudes negativas na sociedade, não se pode deixar de mencionar o abrandamento gradual de censura e perseguição política.

Na ótica de Luís Mott, o ano de 1977⁴ pode ser entendido como a data do elidir do movimento homossexual brasileiro, uma vez que, nesse ano, o editor do *Gay Sunshine*, Winston Leyland veio ao Brasil para fazer a comunicação com os ativistas sobre os direitos humanos e vida social da população homossexual do Brasil. A visita dele foi divulgada pela imprensa nacional. Assim, constata-se que o Brasil já possuía a condição social e a dinâmica promovida ao longo dos anos antes da fundação da organização política em relação ao homossexual.

Em 1978, com o fim do Ato Institucional n.5, nota-se que entraram em circulação diversas publicações destinadas ao tópico homossexual, das quais o jornal *Lampião da Esquina* ganhou enfoque. O sucesso do jornal foi atribuído ao profissionalismo da equipa deste periódico que foi composta por artistas, professores, escritores, dramaturgos, poetas, críticos e jornalistas do eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

As colunas do jornal foram constituídas por literatura, ensaio, entrevista, reportagem, entre outros. À medida que foi atingindo mais público, o jornal ainda acrescentou uma seção Troca-Troca, com o intuito de fortalecer a ligação com leitores (JÚNIOR, 2019, p.196). Os conteúdos do jornal abrangeram não somente as notícias do movimento homossexual, em particular nos Estados Unidos, mas também incluíram as questões ecológicas, feministas e raciais.

⁴ O título do artigo é Movimento Gay e Lésbico na América Latina, escrito por Luís Mott. Está acessível no site: <https://luizmottblog.wordpress.com/movimento-gay-e-lesbico-na-america-latina/>. Última consulta: 29/06/2022.

Ressalta-se que o jornal *Lampião* assumia o papel significativo no impulso do movimento político que colocava a luta contra a marginalização das pessoas homossexuais em primeiro lugar, apelando aos homossexuais para se mobilizarem com o propósito de defender os seus direitos civis. Como se referia no texto escrito por Paulo Bonorino, publicado pelo *Lampião*:

É hora de a gente se acordar, dar-se conta de que o Brasil despertou e nós com ele, porque somos jovens num País jovem, porque não vamos querer ficar prá trás da gente guei[*gay*] das outras partes do mundo. O que faremos para nos integrarmos ao movimento homofílico mundial? Vamos refletir juntos, tu e eu, eu e tu. Pensemos então: o que faz o jovem homossexual brasileiro hoje? Quando se depara com sua singular condição e com a atitude dos demais para com pessoas como ele? (*Lampião da Esquina*⁵, n.0, 1978, p.15)

Naquela época, em São Paulo, certos intelectuais, estudantes e artistas começaram a fazer reuniões semanalmente, nas quais eles trocavam as ideias sobre conscientização da identidade sexual e liam detalhadamente os artigos recém-publicados pelo periódico *Lampião de Esquina*. As atuações dos membros que pareciam episódios descritos no texto “Saindo do Gueto”⁶ apresentavam as suas expectativas de levar uma vida social fora da zona do “gueto” homossexual.

Vale frisar que a resistência ao silêncio a que os homossexuais eram sujeitos podia ser observada em uma carta de reclamação ao Sindicato dos Jornalistas enviada pelos membros supracitados, na qual eles protestavam que, na maior parte dos casos, a imprensa nacional tratava a homossexualidade de forma pejorativa e preconceituosa, relegando a população gay à marginalidade na sociedade. É de notar que esta carta foi assinada por um nome coletivo Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, uma vez que, receosos de ambiente hostil, os membros tinham tendência a ocultar a orientação sexual mantendo anonimato público (MACRAE, 2018, p.172).

Como esse nome foi adotado provisoriamente, em poucos meses, os membros decidiram utilizar “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual” como o nome definitivo.

⁵ Fonte: Grupo Dignidade. Está acessível no site: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Última consulta: 1/7/2022.

⁶ Artigo “Saindo do Gueto”, *Lampião da Esquina*, n.0, 1978, p.2.

A primeira aparição do *Somos* em público foi num debate acerca da luta das populações minoritárias em 6 de fevereiro de 1979 na Universidade de São Paulo. O grupo homossexual *Somos* tornou-se conhecido desde a sua participação neste debate (ibidem, p.177). Foi uma experiência marcante no aumento da confiança dos integrantes e no impulso à criação de outros grupos parecidos (FRY, 2012, p.12).

No final da década de 1970, com o aumento dos grupos dedicados à reivindicação dos direitos homossexuais, o desenvolvimento da subcultura e do movimento homossexual político entraram numa fase de rápido crescimento. Em abril de 1980, teve lugar o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) na Universidade de São Paulo. De acordo com a investigação de MacRae, houve quase 200 pessoas que compareceram no encontro fechado e exclusivo a fim de impedir a entrada de “penetras” e proteger a identidade sexual dos participantes que ainda não pretendessem assumir-se em público. Os temas discutidos rondaram questões de orientação sexual, a fundação de uma comunidade e os mecanismos políticos a ser praticados pelo movimento homossexual (MACRAE, 2018, p.263).

Um mês após este encontro, cerca de 50 militantes homossexuais compareceram na rua de São Bernardo para fazer manifestações em comemoração ao Dia Internacional dos Trabalhadores. Aqui podemos vislumbrar que esses ativistas entenderam bem o entrelaçamento entre o alcance da luta pelos direitos homossexuais e o ambiente democrático. Além disso, a dinâmica do movimento gay e lésbica também podia ser vista em combate à campanha moralizante iniciada por um delegado de polícia, José Wilson Richetti que tinha como objetivo limpar os homossexuais e prostitutas da cidade. Nesse protesto, o número de participantes atingiu até mil, a maior parte foram homossexuais, e alguns membros das organizações negras. Houve também feministas também integraram na passeata para fazer ouvir as vozes das minorias discriminadas.

No entanto, também foi neste ano que a maior organização homossexual *Somos* se dividiu em três grupos por causa da disputa sobre o papel da política de esquerda no movimento gay. Essa “racha” trouxe três grupos separados: o *Somos*, o *Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF)* e o *Grupo de Outra Coisa (FACCHINI, 2003, p.11)*. Green revelou que, a desagregação de *Somos* “deixou outras organizações espalhadas pelo

país desanimadas e sem direção.” (GREEN, 2000, p.274). No ano seguinte, receoso de serem retidos pela polícia, os editores decidiram encerrar indefinidamente a publicação e circulação do jornal *Lampião da Esquina*.

É possível constatar que a quantidade de grupos dos direitos homossexuais seguia a tendência decrescente até o final da primeira metade da década 80. Conforme a estatística do boletim do grupo gay da Bahia, a existência dos grupos homossexuais diminuiu desde 22 grupos em 1980 até 6 grupos em 1985. Green propõe algumas razões que poderiam ter causado o declínio do movimento. A falta de recursos financeiros podia impossibilitar a atuação dos grupos, sendo o motivo principal do encerramento das atividades do grupo *Somos* em 1983 e do grupo *Outra Coisa* em 1984. Além disso, naquele momento, a expansão do consumo destinado para gays teria criado uma “ilusão” de que a presença dos homossexuais na sociedade ficava cada vez mais tolerante e de que a organização política dos homossexuais não era mais “necessária” (ibidem, p.284).

Acrescenta-se que o surgimento do primeiro caso de AIDS no Brasil em 1982 que também contribuiu para a diminuição das pessoas que aderiram à organização política. O pânico causado pela epidemia AIDS atribuiu aos homossexuais as etiquetas de “peste gay”, dificultando a tentativa de liberação sexual. Como Perlongher aponta, “a festa da orgia homossexual, com ela termina-se.” (PERLONGHER, 1991, p.40). Entretanto, também havia alguns ativistas do grupo homossexual (como o grupo *Outra Coisa* e Grupos Gay da Bahia) que começaram a mobilizar para minimizar a discriminação contra os gays. Além da distribuição dos panfletos de informação sobre AIDS, eles ainda envolveram a educação acerca da doença AIDS.

Green considera que a primeira metade dos anos 1980 foi um período de “marasmo do movimento” (GREEN, 2000, p.287). Contudo, na ótica de Facchini, a primeira metade dos anos 1980 não assistiu ao declínio do movimento, mas sim “a grandes transformações no movimento”, dado que este período foi caracterizado pela desmarginalização da imagem da homossexualidade, o que promoveu outros atores sociais associados às instituições científicas ou profissionais para dar o apoio num momento em que a ligação entre AIDS e homossexualidade era muito forte (FACCHINI, 2003, p.104).

Após 1985, o reflorescimento dinâmico do movimento homossexual voltou ao Brasil. É bom destacar que o Grupo Gay da Bahia criado por Luiz Mott se tornou a organização fundamental na luta contra a discriminação dirigida ao homossexual. Sob a liderança de Luiz Mott e o auxílio das personalidades profissionais, intelectuais e juízes, a homossexualidade deixou de ser categorizada como um desvio sexual pelo Conselho Nacional de Saúde. Em fevereiro de 1985, o conselho até retirou a homossexualidade da classificação de doença tratáveis (MOTT, 1995, p.23).

Desde 1989 até 1993, o Encontro Brasileiro de Homossexuais realizou-se anualmente, embora somente 6 grupos participassem nos 3º, 4º e 5º encontros. Entretanto, foi constatado um crescimento considerável na quantidade de organizações LGBT no País na segunda metade da década de 1990. Além disso, nesse momento, as lésbicas desempenharam um papel relevante na liderança do movimento. As suas atuações provocaram o aumento da visibilidade lésbica, contribuindo para colocar a palavra “lésbica” no nome de encontro nacional anual. Portanto, em 1993, o sétimo encontro foi denominado Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais.

Em 1995, trinta e um grupos ainda constituíram a chamada Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). A fundação da ABGLT foi entendida como um marco significativo na história do movimento homossexual brasileiro, já que “possibilitou a criação da primeira instância de abrangência nacional de representação com capacidade e legitimidade para levar as reivindicações do segmento até o Governo Federal, o que até então havia sido impossível” (REIS, 2012, p.59)

Ao mencionar a atividade realizada por militantes homossexuais, as Paradas do Orgulho LGBT que se iniciaram a partir de 1997 não podem ser ignoradas. Após o ano de 1997, as passeatas cresceram e tornaram-se um evento de elevada visibilidade. Reis indica que, em 2010, o número total de paradas e eventos de manifestação do orgulho LGBT atingiu até mais de 200 em todo o país e nos últimos anos apenas a parada de São Paulo já “tem atraído sucessivamente mais de três milhões de participantes.” (ibidem, p.59).

É importante acentuar que, em 2011, uma conquista alcançada marcou o grande passo com destino à verdadeira igualdade. Em 5 de maio, o Supremo Tribunal Federal

passou a reconhecer, por unanimidade, união estável homoafetiva. Isso significa que os homossexuais poderiam ter os direitos na lei de União Estável. Até 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma jurisprudência que cartórios poderiam celebrar também o casamento civil para casais homossexuais. Isso converteu a união estável entre casais do mesmo sexo em casamento.

1.2 A homossexualidade na China

1.2.1 A presença homossexual na Antiguidade chinesa

Em comparação com os homossexuais do mundo ocidental, a presença dos homossexuais chineses é praticamente mais invisível. No entanto, é interessante observar que diversos contos sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo foram registados em vários documentos históricos chineses. Na investigação de Bret Hinsch⁷, na época de antiguidade chinesa, somente algumas elites poderiam desfrutar do recurso educativo e em certos casos, as suas ações eram também documentadas por escrito, por outras palavras, a afeição homoerótica aparecia com bastante frequência na classe social relativamente alta (HINSCH, 1990, p.16).

A presença do homoerotismo pode ser evidenciada em bastantes obras-primas chinesas como o livro chamado *Livro das Odes* (*shi jing em chinês*) que é considerado a antologia de cantigas e poemas chineses mais antiga existente, que contém 305 poemas desde o início da dinastia Zhou até meados do período da Primavera e Outono (cerca de 1000 a.C até 600 a.C). Na obra *livro das Odes*, através de alguns versos transmitidos, não é difícil sentir a admiração de um homem por outro homem, tal como

⁷ Bret Hinsch, doutorado na História e Línguas da Ásia Oriental da Universidade de Harvard e Professor da História na Universidade de Fo Guang, Yilan, Taiwan. A investigação de Bret está centrada na história do género chinês (história da mulher e da masculinidade).

um excerto de poema se mostrou:

How splendid he was!
Yes, he met me between the hills of Nao.
Our chariots side by side we chased two boars.
He bowed to me and said I was very nimble.
How strong he was!
Yes, he met me on the road at Nao.
Side by side we chased two stags
He bowed to me and said “well down”
(WALEY, trans, 2012, p.292)

Além disso, na ausência das pessoas do sexo oposto no quartel durante muito tempo, as relações íntimas entre os militares masculinos também foram reveladas no poema Camaradagem de *Livro das Odes*:

Are you not battle-dressed?
Let's share the plate for breast!
We shall go up the line.
Let's make your lances shine!
Your foe is mine.
Are you not battle-dressed?
Let's share the coat and vest!
We shall go up the line.
Let's make our halberds shine!
Your job is mine.
Are you not battle-dressed?
Let's share kilt and the rest!
We shall go up the line.
Let's make our armor shine!
And march your hand in mine!
(Xu, trans, 1993, p.45)

Assim, por meio de poemas registrados, é claro que a condição social era favorável à expressão do comportamento homossexual na dinastia Zhou e período da Primavera e Outono. Sob essa atmosfera, apercebemo-nos de que a homossexualidade era muito comum e aceitável, particularmente na classe aristocrática, onde os indivíduos podiam manifestar patentemente um sentimento amoroso para outro do mesmo sexo.

Acrescenta-se que, nesse momento, ainda havia um fenómeno curioso, isto é, os oficiais eram seleccionados não pelo talento, mas pela beleza. Aquele conto famoso que foi registado no livro antigo *Han Feizi*⁸ teve lugar mesmo entre o ministro e o imperador. Esse ministro Mizi Xia e o imperador Wei Linggong (534 a.C – 493 a.C) foram representativos do amor homoerótico nesse período. Um dia, Mizi Xia acompanhou o rei Wei Linggong para passear por um pomar em que havia bastantes pêssegos maduros em árvores. Assim, ministro Mizi Xia pegou num pêssogo e deu-lhe uma mordidela. Depois de provar, ele achou que esse pêssogo era muito delicioso e compartilhou o pêssogo com o rei Wei Linggong. Nesse momento, o rei considerou que a vontade de Mizi Xia de partilhar o doce pêssogo consigo mesmo era um sinal de amor. Por conseguinte esse conto foi intitulado “Pêssogo compartilhado” que foi visto como uma alusão à homossexualidade na China.

Entretanto, para o legalista Han Fei, ele apenas queria colocar a ênfase na ideia de que havia uma ameaça pública causada por amantes do imperador. Ele lutava por um país administrado através de leis em vez de homens. Conforme o documento histórico, o talento de um oficial que poderia ser apreciado era ligado ao afeto de imperador por esse oficial. Se um oficial fosse com uma aparência linda, era mais suscetível de ganhar o afeto de rei. Por exemplo, com o passar do tempo, o ministro supracitado Mizi Xia tornava-se mais velho e não era tão formoso como antes, assim o amor do imperador por ele transformava-se em ódio que posteriormente serviu como a razão principal dispensar o ministro. Aqui, podemos constatar que, nessa época, os intelectuais somente tinham intenção de criticar esse fenómeno de seleção de oficial sem depreciar a atividade homossexual na vida da corte (HINSCH, 1990, p.21)

Essa atitude tolerante frente à presença homoerótica na classe social mais alta ainda se verificava na corte real da dinastia Han (206 a.C- 220). Convém ressaltar que, supostamente, cada imperador Han tinha um ou mais amantes masculinos que se favoreceram da relação estreita com imperador para influenciar a gestão do país (NELL, 2009, p.242).

⁸ *Han Feizi* é uma obra escrita pelo grande filósofo chinês Han Fei, que se dedicou ao desenvolvimento da doutrina do legalismo durante o período pré-Qin (antes de 221 a.C).

Foi nesse momento que nasceu o conto mais conhecido na história da homossexualidade chinesa, constante do livro historiográfico *HanShu*⁹. Na dinastia Han ocidental havia um oficial muito belo por quem o imperador Ai se apaixonara perdidamente, chamado DongXian. Um dia, durante uma sesta, DongXian adormeceu por sobre a manga longa vestido do Imperador. Quando o Imperador acordou primeiro e quis levantar-se, não quis acordá-lo, por isso sacou da espada e cortou a sua manga. Sempre que o Imperador era mencionado por descendentes, dizia-se que ele tinha um “fetiche” por cortar as mangas. Assim, como “Pêssego compartilhado”, o termo “Manga Cortada” também se tornou o sinónimo de homossexualidade masculina na China.

Consoante a investigação de Pan Guangdan¹⁰, devido à desigualdade de estatuto social entre homens e mulheres, as lésbicas não foram tão frequentemente documentadas em livros antigos não quanto os gays na China (PAN, 2018, p.62).

As mudanças rápidas de dinastias continuaram por mais quatro séculos até à fundação da gloriosa dinastia Tang (618-907). Os documentos históricos oficiais da dinastia Tang têm poucas referências à homossexualidade em comparação com registos oficiais das dinastias anteriores. Talvez nessa dinastia os parceiros masculinos do imperador já se encontrassem mais afastados de posições de poder, o que explicaria as suas ausências dos registos oficiais. Contudo, isso não significa que, nesse período, não houvesse uma presença homoerótica, já que eram visíveis jovens bonitos em jardins e palácios de imperador (HINSCH, 1990, p.78).

A dinastia Tang foi vista como uma das dinastias mais prósperas, marcada pela diversidade da cultura, a expansão territorial e pelo desenvolvimento rápido de tecnologia e ciência. Foi nesse período que a literatura clássica chinesa atingiu o seu auge, principalmente na área da poesia. Assim, destacou-se algum sinal da homossexualidade na poesia Tang, que servia como veículo para transmitir o

⁹ *HanShu (Livro de Han)* é um livro historiográfico que contém a história do Han ocidental (206 a.C-25), escrito por historiador chinês Ban Gu.

¹⁰ Pan Guangdan (1899-1967), conhecido em inglês como Quentin Pan, era um dos mais distintos sociólogos e eugenistas da China. A sua área de investigação inclui sistema matrimonial, problemas familiares, distribuição intelectuais e entre outros. O estudante mais famoso de Pan foi Fei Xiaotong, que é considerado “pai da antropologia chinesa”.

sentimento dos intelectuais. Nesse caso, não podemos deixar de referir a relação íntima entre o poeta Bai Juyi e Yuan Zhen, que ambos foram oficiais da época. Certo dia, Bai Juyi foi transferido para trabalhar em outro lugar, por causa disso, Yuan Zhen sentia muito falta de Bai e nem conseguia adormecer à noite, portanto, para manifestar a sua saudade, Yuan Zhen escreveu um poema, cujo último verso “Quero estar convosco como nuvens e chuva, reunidos no céu¹¹” destacou o seu sentimento de mágoa. Ao receber o poema de Yuan, Bai Juyi ficou muito contente e também escreveu na carta “Seguro a tua mão no meu sonho e pergunto-te o que queres¹²” em resposta à saudade forte de Yuan.

Até à dinastia Song (960-1279), é curioso vislumbrar que a indústria de prostituição masculina ganhava o espaço relevante na vida do povo. Vários fatores poderiam contribuir para o florescimento da indústria de prostituição masculina nesse período. A dinastia Song foi um período de grandes realizações, tanto no desenvolvimento comercial quanto nas reformas político-administrativas. Nesse sentido, o aumento da qualidade de condição de vida da população impulsionava o consumo no entretenimento. Vale frisar que os homens de estatuto social elevado foram clientela principal dos prostitutos masculinos que, a maior parte, costumavam usar maquiagem para atrair mais clientes. Assim, um oficial criticou “esses prostitutos vestidos de trajes femininos, especializados na costura, sendo papéis vergonhosos que possuíam comportamentos e aparências fora dos padrões de gênero¹³”.

Portanto, perante essa intolerância para os homens que praticavam atividades sexuais com o indivíduo do mesmo sexo por dinheiro, o governo Song promulgou o primeiro decreto oficial contra a prostituição masculina. Porém, esse decreto não foi efetivamente aplicado. Por outro lado, esse decreto também realça o facto de que havia muitos homens que ganhavam a vida como prostitutos na dinastia Song.

Além disso, durante a dinastia Ming (1368-1644) e a dinastia Qing (1644-1911), o relacionamento homoerótico também era muito comum na vida do povo. Mesmo que

¹¹ Traduzido por autora, este verso provém de poema “Chou LeTian” de Yuan Zhen.

¹² Traduzido por autora, este verso provém de poema “Chu Yu Yuan Bie Hou” de Bai Juyi.

¹³ Traduzido por autora, esta frase provém de texto “Jin NanChang(Proibição de Prostituição masculina)” de Song Mi.

nas dinastias iniciais apenas os atos das pessoas da classe relativamente alta pudessem ser registados no documento oficial, é óbvio que a prática homossexual não estava restrita a determinada classe social.

1.2.2 A queda de tolerância chinesa para a homossexualidade

Após a Segunda Guerra Mundial e as guerras civis, em 1949, a República Popular da China tinha como prioridade a recuperação da economia nacional e a transformação socialista. Para o regime comunista recém-fundado, além do desenvolvimento da industrialização estatal e dos setores tecnológicos, parecia também importante alinhar o comportamento do povo com o padrão moralista e comunista. Assim, durante esse período, que se assemelhava a uma sociedade puritana destacada pela repressão sexual, foram relegados os homossexuais à marginalidade (JEFFREYS, 2015, p.21).

Principalmente, na época da Grande Revolução Cultural Proletária (1967-1977), liderada por Mao Tsé-Tung, o regime comunista tomou uma feição mais radical, pretendendo extinguir os restos de elementos capitalistas da sociedade chinesa para que nada desviasse da ordem pública. Entretanto, a homossexualidade era entendida como uma manifestação distorcida do capitalismo e do feudalismo. Nas raras ocasiões em que foram relatadas vidas homossexuais, o intuito era somente para disseminar o declínio da civilização ocidental (RUAN & TSAI, 1988, p.190). Apesar da homossexualidade não ser ilegal na China, contudo, nesse momento, os acusados de homossexualidade eram condenados a tratamentos arbitrários, tornando-se alvos de repressão por transgressão sexual.

De acordo com um inquérito¹⁴ aos homossexuais em Pequim, Tianjin e outras cidades que hoje têm cerca de 60 anos, quase todos os homossexuais que viveram esse período da história lembram-se claramente de serem chamados “hooligans burgueses”, “sodomitas” e “coelhos”. O mais inesquecível é que alguns homossexuais sofreram a

¹⁴ Esse inquérito foi realizado por Huo Qiming e Liu Jinqiu no site acessível <https://web.archive.org/web/20160202140952/http://www.100toutiao.com/index.php?m=Index&a=show&cat=100&id=47706>. Última consulta:12/7/2022.

perseguição brutal realizada Guarda Vermelho, composta por apoiantes de Mao Tsé-Tung. Um professor de arte de 30 anos da escola secundária, cuja família tinham sido anteriormente funcionários da Dinastia Qing, por ter sido exposto pela sua relação sexual com uma outra pessoa do mesmo sexo, foi criticado e maltratado pela Guarda Vermelha. Os integrantes da Guarda Vermelha deitaram à força fezes e urina na sua boca. Por fim, esse homem suicidou-se na noite.

Nesse período, muitos intelectuais, artistas, professores que fossem considerados aliados às práticas da burguesia, não conseguiam suportar os abusos físicos e psicológicos extremos a que eram sujeitos, optando por se suicidarem. Por conseguinte, na decorrência de graves golpes e massacres no movimento, em 1978, o novo governo chinês implementou algumas medidas a fim de corrigir os erros da tendência esquerdista cometidos durante essa década. Em 1981, o Partido Comunista Chinês reconheceu oficialmente que a Revolução Cultural chinesa foi "o retrocesso mais severo" desde a fundação República Popular da China.

A partir de 1978, sob a liderança de Deng Xiaoping, a China entrou numa nova etapa em que as diretrizes de reforma político-ideológica e abertura ao mercado exterior foram estabelecidas. Nesse contexto, Braverman revelou que, quando a China abriu as suas portas aos mercados internacionais também deixou entrar inadvertidamente outro fenómeno moderno - a cultura sexual do Ocidente (apud JEFFREYS, 2015, p.16). Podemos constatar que, desde a implementação da abertura, o governo começou a relaxar medidas discriminatórias contra os homossexuais e as atitudes da sociedade em relação à homossexualidade tornaram-se mais tolerantes.

Em 1997, foi promulgado o novo código penal chinês, eliminando os crimes de "hooliganismo" e "sodomia" que tinham sido utilizados durante décadas para coarctar atos sexuais com pessoas do mesmo sexo.

É bom destacar que a condição social para os homossexuais chineses não estava tão árdua como antes. De acordo com a pesquisa¹⁵ de Yu Xiaoyu, em agosto de 1998,

¹⁵ A pesquisa realizada por Yu Xiaoyu em 2009, acessível no site https://web.archive.org/web/20160202085414/http://www.pygay.com/diary_10894.html. Última consulta: 13/7/2022.

a primeira comunidade virtual na internet dirigida à população homossexual, criada por um estudante universitário, ajudou a mudança do hábito dos gays de se esconderem nas sombras dos parques, facilitando a aproximação e interação de uns com os outros através da internet. Posteriormente, a fundação dessa comunidade inspirou o surgimento de outras comunidades gay na internet, tais como os chamados “Vento gay”, “Zona de Sol”, “Manifestação sem medo”, e entre outros. As atuações de homossexuais chineses não permaneceram apenas online. No verão de 1997, a primeira linha direta gay da China “Beeper Gay Hotline” foi criada em Pequim, com o intuito de dizer aos gays chineses que não estão sozinhos na luta de reivindicação dos direitos civis. Um ano depois, essa linha direta organizou um encontro secreto da comunidade homossexual nacional no Templo de Dajue em Pequim, no qual participaram dezenas de gays de todo o país. Convém lembrar que este encontro marcou o início da concretização da comunidade gay chinesa.

Nota-se que as mudanças significativas ocorreram nos anos iniciais do século XXI. Em 20 de abril de 2001, na atualização dos Critérios de Classificação e Diagnóstico das Doenças Psiquiátricas (3ª edição), a homossexualidade deixou de ser identificada como patologia mental. Não resta a menor dúvida que este assunto foi um avanço na despatologização do amor entre pessoas do mesmo sexo na China.

Mesmo que a homossexualidade não seja considerada como um desvio e transtorno sexual, o relacionamento homoerótico ainda é um tópico melindroso na China. Assim, o governo chinês toma uma atitude de “três não” em referência aos homossexuais: não apoiar, não encorajar, não contra¹⁶. Em 2003, 2005, 2006 e 2008, Li Yinhe, uma das sociólogas mais importantes na China, fez várias tentativas de levantamento de propostas para a legalização do casamento entre as pessoas do mesmo sexo no Congresso Nacional do Povo. Contudo, devido ao apoio insuficiente, o resultado sempre foi o fracasso. Até 2019, conforme a notícia¹⁷ de XinJin, na

¹⁶ Esse princípio de “três não” foi revelado na notícia “China’s Complicated LGBT Movement”, escrita por Si Chen em 1 de junho de 2018. Está acessível no site <https://thediplomat.com/2018/06/chinas-complicated-lgbt-movement/>. Última consulta: 13/7/2022.

¹⁷ A notícia “A monogamia corresponde às nossas condições nacionais e tradições históricas e culturais”, escrita por Wangshu em 21 de agosto de 2019, acessível no site <https://news.sina.com.cn/c/2019-08-21/doc-ihycitn0769877.shtml>. Última consulta: 14/7/2022.

conferência de imprensa, o porta-voz da Comissão de Assuntos Jurídicos do Congresso Nacional do Povo denunciou que

A monogamia estipulada na nossa lei matrimonial atual é um sistema matrimonial baseado no casamento de um homem e uma mulher, e esta disposição corresponde às nossas condições nacionais e tradições históricas e culturais. Tanto quanto sei, a grande maioria dos países do mundo não reconhece ainda a legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo, pelo que o projeto sobre casamento e família do Código Civil também mantém a monogamia estipulada na atual lei matrimonial (ZANG, 2019)

Como Jeffrey's apontou que a era pós-Mao contribuiu efetivamente para uma revolução sexual na qual as experiências sexuais se tornaram mais liberais e pluralistas, criando um novo espaço para explorar a sexualidade e os direitos sexuais, porém a expressão sexual continua a ser reprimida (JEFFREYS, 2015, p.25).

Em 2018, o Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas realizou a terceira revisão da Revisão Periódica Universal da China em Genebra. Na reunião, cada país aproveita essa oportunidade para apresentar abertamente as práticas que foram implementadas para garantir os direitos humanos no país. Foi a primeira vez que a delegação da China respondeu às questões em torno da população LGBT. A delegação referiu que a China respeita o direito à saúde e à privacidade da comunidade LGBT, fornecendo serviço básico de saúde a todos os cidadãos, protegendo o direito de submeter à cirurgia de redesignação de gênero. Além disso, o casamento entre pessoas do mesmo sexo não foi aprovado, não pela discriminação, mas em razão dos fatores históricos e culturais do país.

É de notar que 2019 foi um ano maravilhoso para os homossexuais na China, já que Taiwan aprovou uma lei que autoriza a união entre pessoas do mesmo gênero, concedendo o reconhecimento legal para o matrimônio homossexual. Esta grande vitória significa que os direitos humanos alcançaram um novo patamar que se aproxima mais de verdadeira igualdade. Entretanto, há evidência de que a população LGBT da China continental ainda tem um longo caminho a percorrer antes de obter tais direitos, como os taiwaneses.

1.3 Sumário: a coexistência de resistência e intolerância

É possível constatar que o amor homoerótico não é restrito a um tempo determinado ou a um lugar demarcado, existindo em todas as nações e todos os períodos da história humana e demonstrando “a universalidade temporal e espacial desta manifestação humana.” (MOTT, 1995, p.233).

Na cultura brasileira do período colonial, a homossexualidade foi considerada o pecado nefando, cuja gravidade mais do que os mais crimes abomináveis como a pedofilia, o canibalismo. Esse crime de sodomia era digno de se submeter ao castigo mais severo como a condenação à morte na fogueira.

Na antiguidade chinesa, a atitude da sociedade em referência ao relacionamento homoerótico era marcada pela tolerância. Convém lembrar que o amor entre pessoa do mesmo gênero era muito comum na classe relativamente alta na China. Por exemplo, muitos imperadores tinham parceiros masculinos na vida que não foram punidos pelas suas orientações sexuais. Além disso, alguns poemas da dinastia Tang que carregaram o amor para o amante masculino sobreviveram até para nossa época, sendo uma testemunha de relação íntima entre poetas masculinos. Até à dinastia Song, destaca-se que o desenvolvimento econômico impulsionou a indústria de prostituição masculina.

Ao chegar ao tempo mais recente, embora a repressão forte da ditadura militar atrasasse o movimento homossexual no Brasil, comparado com a fundação da primeira organização política na Argentina, as conquistas do movimento homossexual do Brasil foram inimagináveis para os gays chineses. É suficiente para se perceber que as atuações em defesa dos direitos homossexuais na China se caracterizaram pela clandestinidade, ocorrendo o risco de ser interrompidas, como se referiu antes, em 1997 a linha direta “Beeper Gay Hotline” organizou um encontro secreto da comunidade homossexual em Pequim. A notícia¹⁸ de VOZ revelou que, na capital da China, em

¹⁸ A notícia "Espectáculo de mascarada do movimento homossexual sob o regime totalitário do Partido Comunista Chinês", escrita por Chen Yun em 29 de julho de 2021, acessível no site <https://www.voachinese.com/a/Chinese-gay-movement-under-CCP-maintaining-stability-20210729/5983285.html>. Última consulta: 15/7/2022:

2012, um taiwanês Lai zhengzhe abriu um café orientado ao público homossexual, sendo um lugar de sociabilidade em que ocorreu várias atividades secretas em torno à homossexualidade. Na ótica de Lai, o desenvolvimento do movimento homossexual da China não é considerado otimista sob o regime totalitário do Partido Comunista, e a questão homossexual ainda não foi efetivamente elevada a uma questão de direitos de igualdade perante a cidadania. Além disso, nos últimos anos, o encerramento da atividade da organização não-governamental LGBT Rights Advocacy China¹⁹ deu um rude golpe no processo emancipatório homossexual chinês.

Apercebemo-nos que em todas as sociedades há pessoas que se sentem incomodadas com a presença homossexual. Porém, tanto as sociedades contemporâneas do Brasil quanto da China dão importância ao sofrimento das pessoas e querem reduzi-lo. Assim, mais pessoas homossexuais estão sendo respeitadas e há uma redução na repressão.

É visível que as fundações de vários grupos políticos e organizações dos encontros nacionais de homossexuais apostaram na “desvinculação da homossexualidade dos aspectos marginais e na construção de uma imagem pública da homossexualidade no Brasil.” (FACCHINI, 2003, p.102). Graças aos esforços desses ativistas, já em fevereiro de 1985, o Conselho Nacional de Saúde do Brasil retirou a homossexualidade da classificação de doença tratáveis. Perante a ameaça da doença AIDS e a imprensa sensacionalista, os membros das organizações homossexuais como o Grupo Outra Coisa e o Grupo Gay da Bahia se reuniram para fazer frente à pandemia nos anos 80.

Na China, até ao século XXI, a homossexualidade foi removida da lista de doenças mentais. Embora o primeiro caso de AIDS fosse diagnosticado na China em 1985, foi apenas em 1998 que teve lugar o primeiro seminário sobre AIDS em Pequim, no qual Zhang Beichuan, um editor de revista de saúde, foi convidado para fazer um discurso em relação à população homossexual na China.

Em relação ao meio de comunicação, após a recuperação da democracia no Brasil,

¹⁹ A organização do LGBT Rights Advocacy China foi fundada por Peng Yanhui em 2013 com o objetivo de aumentar a consciencialização sobre a comunidade e reivindicar os direitos legais para homossexuais chineses por meio de estratégia judiciais. A interrupção do seu trabalho ocorreu em 2021.

a discussão acerca do tópico homossexual e movimento internacional tem aumentado nos anos 90 na mídia. Ressalta-se que certos ativistas se assumiram em programas de entrevistas e discutir as suas orientações sexuais de forma livre e aberta (GREEN, 2000, p.291).

Porém, o meio de comunicação social da China é caracterizado pelas crescentes restrições. Em 2004, China Media Group emitiu regulamentos para remover conteúdos violentos e pornográficos, incluindo a proibição do lançamento de filmes e vídeos homossexuais na televisão ou em cinemas. Além disso, em 2013, a primeira-ministra da Islândia visitou a China com a sua parceira feminina, e os meios de comunicação social chineses negligenciaram deliberadamente a reportagem sobre a sua esposa.

Não obstante, segundo o relatório²⁰ do Grupo Gay de Bahia de 2021, a cada 29 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Mesmo assim, não podemos negar o sucesso obtido do Brasil no desenvolvimento do movimento homossexual. Devido à causa política e outros aspetos históricos, o movimento gay na China tem sido incapaz de alcançar uma verdadeira politização como se realizou no Brasil.

Podemos observar que a presença da população homossexual se torna patente sempre que a sociedade permite o florescimento de diversidade sexual e cultural. A permissividade da sociedade possibilita o surgimento da campanha contra as violências e discriminações, sendo favorável fazer ouvir as vozes da minoria para realizar a desmarginalização verdadeira. Por exemplo, o desenvolvimento rápido da subcultura gay e lésbica no Brasil ocorreu no período do abrandamento da censura e da repressão do governo e a condição social dos homossexuais chineses melhorou em 1979 quando a medida de reforma e abertura foi tomada.

Nota-se que as metrópoles dispõem de espaços urbanos que propiciam sociabilidade para quem possui comportamento fora da normativa. Como no século passado, o Rio de Janeiro e São Paulo do Brasil eram lugares onde os jovens

²⁰ O relatório está acessível no site oficial do grupo Grupo Gay de Bahia: <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Última consulta: 15/7/2022.

homossexuais podiam levar uma vida relativamente livre dos preconceitos. Na China, Pequim e Xangai são cidades destacadas pela tolerância de diversidade cultural. É importante frisar que o Festival do Orgulho de Xangai²¹ assume o papel relevante no movimento homossexual da China, criado por voluntários em 2009, com o objetivo de aumentar a visibilidade e consciencialização sobre a comunidade LGBT. Além disso, é curioso saber que há uma cidade no sudoeste, Chengdu, caracterizada por ser um espaço receptivo e para com os homossexuais chineses. Certos aspetos contribuem para esta construção. A localidade fica isolada do centro político, sendo semelhante ao caso de São Francisco nos EUA. Mais ainda, a influência do taoísmo e do budismo promoveram uma atitude tolerante do povo de Sichuan para com as pessoas que praticam atos homoeróticos.

Além disso, o Brasil propõe ainda legislação que assegura a igualdade perante a lei de todas as pessoas, independentemente das suas preferências sexuais. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma jurisprudência que cartórios poderiam celebrar também o casamento civil para casais homossexuais. Isso converteu a união estável entre casais do mesmo sexo em casamento. Em relação à perspectiva jurídica, Taiwan, como uma Região Administrativa Especial, aprovou uma lei em 2019 que autoriza a união entre pessoas do mesmo gênero, concedendo o reconhecimento legal para o matrimônio homossexual. Esta grande vitória significa que os direitos humanos alcançaram um novo patamar que se aproxima mais de verdadeira igualdade.

Tanto no Brasil quanto na China, todas as observações realizadas indicam que não correto esquecer ou diminuir os direitos civis da minoria LGBT. Para todo mundo, a dissolução da discriminação contra as pessoas LGBT ainda está na pauta, mas tudo sugere que o caminho positivo.

²¹ O Festival do Orgulho de Xangai foi a primeira celebração que marca a luta pelos direitos LGBT na China. As atividades do festival incluem exposições de arte, exibições de filmes, discussão literárias e competições desportivas, etc. Desde a criação, esse festival tem sido realizado anualmente. No dia 13 de agosto de 2020, a equipa do Festival do Orgulho de Xangai anunciou a encerramento do evento por razões não especificada.

CAPÍTULO 2

AMOR HOMOERÓTICO EM PERSPETIVA RELIGIOSA

BRASILEIRA E IDEOLÓGICA CHINESA

2.1 Homossexualidade na religião brasileira evangélica²²

2.1.1 Homossexualidade: desvio sexual no panorama bíblico

Desde há muito tempo, o destino do amor entre pessoas do mesmo sexo, na maior parte dos casos, conduziu ao sofrimento, sendo visto como um desvio na orientação sexual e um comportamento pecaminoso. Destaca-se que a internalização da intolerância por parte dos indivíduos da sociedade maior em relação aos homossexuais, em certa medida, atribuiu à interpretação literal e oral das obras pastorais e doutrinárias. Ao abordar a temática da sexualidade, percebemos que a conduta sexual está sujeita a parâmetros sociais regulados por diversos aspetos. A religião é um desses elementos de controle, uma vez que os valores religiosos são interiorizados em nossa consciência e influenciam o nosso modo de “ver, apreender e entender o mundo” (NATIVIDADE, 2006, p.116).

Apesar do antropólogo Marcelo Natividade constatar muitas produções antropológicas destinadas à correlação entre a religião e sexualidade, não havia muitos

²² Evangelismo: como sabemos, o evangelismo é visto como um desdobramento do protestantismo. Em evangelismo, há várias subdivisões, tais como Igreja Batista, Neopentecostalismo, Pentecostalismo, etc. Este capítulo da dissertação dá mais ênfase ao pentecostalismo em que Igreja Assembléia de Deus faz grande terreno, como se mostra na segunda parte 2.1.2. Como a Bíblia é considerada o principal livro sagrado pela religião cristã, assim, a primeira parte deste capítulo pretende apresentar interpretações que algumas pessoas fazem da Bíblia em relação ao tema da homossexualidade.

trabalhos que conferissem ênfase à homossexualidade no campo religioso. (ibidem, p.116). Contudo, é possível observar os impactos relevantes dos tabus religiosos sobre a atitude dos membros da sociedade heterossexista e a construção da identidade dos próprios homossexuais. As questões do aborto, a homossexualidade e igualdade de género na ótica evangélica parecem ser caracterizadas pela impermeabilidade (Mafra, 1996, p.3). Por conseguinte, Luiz Mott apontou que a antipatia irracional contra homossexualidade na sociedade foi alimentada primordialmente pelas três religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo e islamismo que propagaram o conceito ligado à homofobia (MOTT, 2007, p.444).

A fala de Deus cristão dispõe de carácter abrangente demonstra a universalidade temporal e espacial, contribuindo para orientar a conduta humana. Assim, à luz de certas interpretações da Bíblia, a homossexualidade vem confundir as linhas demarcatórias instauradas por Deus. É óbvio que o segundo humano criado por Deus não foi do mesmo género de Adão, assim, desde o início, a união de dois indivíduos do mesmo sexo já não correspondeu ao padrão divino. De acordo com um versículo de Adão e Eva de Gênesis, podemos vislumbrar que na bíblia as intenções da criação de mulher não somente visam dar apoio ao homem e acompanhá-lo, mas realizam a unidade sexual e constituição de família:

O Senhor Deus declarou: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” [...] Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne (Gênesis 2:18-24).

Esta passagem dá origem a toda uma reformulação teológica do matrimónio como união indissolúvel. Assim, a partir do século XVI, o matrimónio heterossexual passou a ser caracterizado pelo viés religioso. Além disso, ao criar a humanidade, constata-se que a primeira ordem dada por Deus para Adão e Eva foi a procriação, que também foi uma graça divina, visto que Deus declarou que "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e

sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gênesis 1:28). Fica evidente que, se não há procriação, será impossível desenvolver a civilização humana na terra. Dessa forma, podemos verificar que há vários trechos na Bíblia que se dedicaram à importância de ter filhos, os quais são considerados bênçãos de Deus. Como se mostra em Salmos: "Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal." (Salmos 127:3-5). Por conseguinte, os filhos são símbolos de felicidade quanto na pequena família tanto na maior sociedade, sendo uma ponte que liga o amor de um povo com a harmonia entre as gerações. Nesse sentido, um historiador Ronaldo Vainfas revelou que "com a pálida exceção da cópula entre esposos, única prática legítima desde que visando à procriação, desejos e atos sexuais eram pecados mais ou menos abomináveis, quaisquer que fossem, os seus protagonistas." (VAINFAS, 1989, p. 145).

Assim, ser homossexual parece que impede todos os caminhos para a procriação que Deus coloca em lugar prioritário na vida humana. Natividade ainda apontou que a procriação é um ato importante para construir a família de Deus na terra e a ligação entre procriação e conduta sexual é um recurso relevante na definição da maneira natural e sã da prática da sexualidade. (NATIVIDADE, 2006, p.116). Além disso, ele referiu que alguma teoria de essencialismo sobre a homossexualidade voltou a ser mencionada no contexto religioso, argumentando que a prática sexual entre duas pessoas do mesmo sexo é desprovida de significado biológico e é considerada antinatural. Dessa forma, a estrutura de corpo humano restringe as formas de uso do corpo, isso significa que há limitação para satisfação sexual que se define pela ordem de Deus. Salienta-se que as condutas sexuais fora de padrão heterossexual como homossexualidade são evidentemente contrárias ao que algumas pessoas acreditam ser a vontade de Deus (ibidem, p.120).

Ao falar o instinto sexual, a Palavra de Deus deixa claro que é perfeitamente permissível desfrutá-lo na relação matrimonial entre marido e mulher: "Seja bendita a sua fonte! Alegre-se com a esposa da sua juventude. Gazela amorosa, corça graciosa

que os seios de sua esposa sempre o fartem de prazer, e sempre o embriaguem os carinhos dela.” (Provérbios 5:18-19). Assim, verificamos que o ato de amor realizado entre indivíduos do gênero oposto não é considerado uma maneira de um uso inapropriada do corpo na Bíblia.

Além disso, uma das ordens estabelecidas por Deus na esfera do gênero revela que cada parte do corpo tem o seu próprio fim: o recipiente original (a vagina) é o destino para o esperma produzido pelo pênis, sendo uma passagem natural dirigida à realização do ato sexual e da reprodução, quer dizer, o ânus em que se faz o sexo anal não é visto uma entrada correta (NATIVIDADE, 2006, p.120).

De acordo com a Bíblia, O amor heterossexual conforma-se com o princípio de papéis de gênero que dá enfoque à complementação. Como John R. W. Stott aponta que “a relação heterossexual é muito mais do que uma união de corpos: é uma mistura de personalidades complementares, através da qual, no meio da alienação prevalecente, a unidade do ser humano criado com riqueza é novamente experimentada.” (STOTT, 1993, p.179 apud SILVA SANTO, 2003, p.115). Percebe-se que a manifestação de homossexualidade contraria a polaridade do sexo, desafiando a maneira de união sexual formado por Deus. Dessa forma, Valdeci Silva Santos afirmou que o vínculo heterossexual no casamento cristão não é somente uma união, para ser mais claro, sendo efetivamente uma “re-união” (SILVA SANTO, 2003, p.116). Nesse contexto, é possível compreender que a conduta homossexual não consegue alcançar essa reunião atuando na mesma polaridade (ibidem, p.116).

Conforme a interpretação vigente da narrativa bíblica, a monogamia heterossexual é única forma de relação sexual que não se desvia da vontade de Deus, quer dizer, podemos observar que Jesus não concorda com algum envolvimento sexual moderno, bem como a poligamia, os concubinatos até a homossexualidade (ibidem, p.115).

Desafiar a regra construída por Deus significa receber o castigo divino conferido por Deus. Percebe-se que a destruição da cidade Sodoma e Gomorra é um dos exemplos mais relevantes na Bíblia que faz referência à homossexualidade:

Os dois anjos chegaram a Sodoma ao anoitecer, e Ló estava sentado à porta da

cidade. Quando os avistou, levantou-se e foi recebê-los. Prostrou-se com o rosto em terra e disse: "Meus senhores, por favor, acompanhem-me à casa do seu servo. Lá poderão lavar os pés, passar a noite e, pela manhã, seguir caminho". "Não, passaremos a noite na praça", responderam. Mas ele insistiu tanto com eles que, final-mente, o acompanharam e entraram em sua casa. Ló mandou preparar-lhes uma refeição e assar pão sem fermento, e eles comeram. Ainda não tinham ido deitar-se, quando todos os homens de toda parte da cidade de Sodoma, dos mais jovens aos mais velhos, cercaram a casa. Chamaram Ló e lhe disseram: "Onde estão os homens que vieram à sua casa esta noite? Traga-os para nós aqui fora para que os conheçamos." (Gênesis 19:1-5).

É de se lembrar que há muito tempo este relato passou a ser considerado como uma referência à condenação da homossexualidade. Portanto, a palavra "sodomia" na cultura ocidental e na interpretação da teologia moral cristã tornou-se sinónimo de ato homossexual e o termo "sodomita" tem relação com aqueles que sentem atração por indivíduo do mesmo género.

De acordo com alguma interpretação da narrativa bíblica, a palavra "conhecer" por vezes contém o sentido de "manter relações sexuais com". Conforme o diálogo entre Ló e cidadãos de Sodoma no relato, eles disseram que queriam conhecer esses dois hóspedes. Assim, uma boa parte de teólogos identificam que os homens agrupados em redor de casa de Ló queriam praticar o sexo anal com os anjos enviados por Deus (HELMINIAK, 1998, p.41). Nesse caso, o insulto contra esses dois anjos seria mais grave ainda, uma vez que obrigar um homem a fazer sexo anal era considerada uma maneira de desprezá-lo. Há uma noção óbvia de que ser o papel passivo na relação homossexual indicava que era tratado como mulher que naquele momento era sempre alvo conquistado, sendo inferior na hierarquia sexual. Como Peter Fry lembrou que na Roma Antiga, tanto para um escravo como para um outro cidadão, era muito afrontoso desempenhar o parceiro passivo no relacionamento homossexual (FRY, 2012, p.31). Além disso, vale frisar que na guerra, os triunfantes não simplesmente desfloravam as mulheres, eles costumavam cometer estupro contra os militares derrotados (HELMINIAK, 1998, p.42). Nesse sentido, parece mais evidente que os cidadãos de Sodoma estavam sujeitos à punição divina pelas suas intenções de manter atividades homossexuais com os anjos. Entretanto, alguns especialistas defendem que não há

evidência de que a palavra “conhecer” necessariamente tivesse a ver na origem do texto bíblico. Pode ser que os homens dessa cidade apenas tivessem curiosidade de saber quem eram os dois hóspedes de Ló.

Afinal, Adriano refletiu que nas passagens de Gênese não há nenhuma indicação específica acerca da razão de destruição de Sodoma e Gomorra por Deus (SILVA CARVALHO, 2022, p.132). Além disso, Helminiak também lembrou que em nenhuma das referências bíblicas ao pecado de Sodoma há qualquer preocupação com a homoafetividade, mas sim com a ofensa (HELMINIAK, 1998, p.42).

Segundo a Bíblia, a cidade de Sodoma foi destruída por fogo do céu. Em relação à consequência dessa cidade, alguns teólogos acreditam que, em toda a probabilidade, a falta dos cânones normais de hospitalidade foi a razão importante. Na noite das zonas desérticas, era bastante perigoso permanecer exposto ao ambiente adverso caracterizado pelo clima extremo, portanto se criava gradualmente uma regra de dar hospitalidade aos visitantes nessas regiões. Como Ló ofereceu um lugar aconchegado a dois anjos para pernoitar (ibidem, p.42). No entanto, os habitantes da Sodoma violaram essa regra sagrada da hospitalidade, como uma passagem de Bíblia demonstra: “Ora, este foi o pecado de sua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas; não ajudavam os pobres e os necessitados.” (Ezequiel 16:49). A transgressão dos cidadãos de Sodoma foi a de se recusar a ajudar os visitantes mesmo que dispusessem de abundância de recursos alimentares e habitacional.

Além disso, ao comparar o comportamento delicado de Ló diante dos visitantes celestiais, os sodomitas foram bastantes rudes. Eles trataram-nos de forma ofensiva cometendo a prática de opressão, violência e xenofobia. Segundo Brian Doyle, um dos primeiros escritores a dar uma exegese da passagem bíblica, ele aponta que “orgulho” era a culpa mais fundamental de Sodoma, uma vez que esse “orgulho” como uma expressão de arrogância colocava o desejo humano em cima da vontade divina (DOYLE, 1990, p. 99-100 apud SILVA CARVALHO, 2022, p.132).

No entanto, Valdeci Silva Santos fez a reflexão de que os pecados dessa cidade de Sodoma bem pior do que simplesmente “falta de hospitalidade”, “atos ofensivos” e

“arrogância”. Ele considerou que seria inapropriado tirar a homossexualidade da lista das transgressões feitas pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. Na ótica dele, a reação de Ló aos cidadãos de Sodoma podia ser vista como uma presença de ato homossexual nessa cidade. Perante a exigência dos sodomitas que queriam “conhecer” os visitantes celestiais, Ló tinha de oferecer as suas filhas que ainda eram virgens aos habitantes de Sodoma para aliviar os seus desejos sexuais. Nesse sentido, podemos vislumbrar que a resposta de Ló indicou implicitamente o propósito sexual dos sodomitas, ou seja, as suas intenções não apenas eram realizar sexos heterossexual, mas homossexual (SILVA SANTO, 2003, p.117). Assim, verifica-se que realizar a prática homossexual não era um fenómeno raro nessa cidade. Portanto, Ankerberg e Weldon levantaram uma suposição de que Ló “estava propondo uma desgraça menor (estupro heterossexual) no lugar de uma desgraça maior (estupro homossexual).” (ANKERGERG e WELDON, 2008, p.60 apud SILVA SANTO, 2003, p.117). A seu ver, a presença de homossexualidade foi muito provavelmente um dos fatores de destruição dessas duas cidades por Deus. A partir da interpretação cristã, a destruição de Sodoma e Gomorra foi um dos exemplos mais expressivos do julgamento divino contra a prática homossexual no Testamento hebreu. A consequência dessas duas cidades podia ser entendida como um alerta sagrado para aqueles engajados no ato sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Além do caso da destruição de Sodoma, deve-se notar que no Antigo Testamento há um episódio que faz a referência específica ao comportamento homossexual. No Levítico 18:22 declara com firmeza: “Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher: isso é uma abominação.” Posteriormente, complementando essa regra, o Levítico 20:13 adiciona a consequência negativa desse ato perverso: “Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometeram uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão a sua culpa.”

É suscetível observar que em várias exegeses essa passagem se traduz em alguma espécie de conotação sexual. De acordo com a reflexão de Saul Olyan, ele levantou uma proposta de interpretação que a expressão “deitar com” contém o sentido de copulação (SAUL,1994, p.186). Nesse contexto, a ênfase desses versos podia

evidentemente estar na rejeição da prática sexual anal entre dois homens. Esses dois versos vêm de um código sagrado construído por Deus, utilizando para disciplinar o comportamento do povo judaico. É bem óbvio que essa parte confere o destaque à proibição do sexo anal homem-homem que indica tanto uma mistura das identidades e categorias dos géneros sexuais, quanto uma transgressão da estrutura patriarcal (ASSIS, 2006, p.104).

Alguns defenderam que a desaprovação aqui não é do sexo entre dois homens, mas sim é da prostituição homossexual. No entanto, é relevante mencionar que há passagens na Bíblia onde se refere explicitamente a atividade de prostituição. Dessa forma, parece implicar que seria adequado compreender as mensagens de Levítico como uma crítica da homossexualidade. Além disso, essa parte da Bíblia faz principalmente a menção de perversão associada à moralidade, tais como incesto, bestialidade, concubinato, adultério e homossexualidade. Conforme o contexto dessa passagem, a homossexualidade é considerada o ato abominável, quer dizer, uma depravação da regra natural das condutas sexuais, o que é odiado por Deus (SILVA SANTO, 2003, p.119). Por causa disso, alguns reis promulgaram leis contra a homossexualidade. Naquela época, os sodomitas foram condenados à pena de desterro para apresentar a repulsão do Senhor em relação aos homossexuais (ibidem, p.119). Até à Idade Média, os homossexuais puderam até ser punidos com a pena capital como se mostra no capítulo anterior. Nesse período, o apóstolo Paulo afirmou que essa relação sexual era denominada como “o pecado nefando”, ou seja, “cujo nome não pode ser chamado.”. Atualmente, alguns pastores ainda supõem que a doença Aids é uma pena divina contra os sodomitas (MOTT, 1992, p.170).

Porém, de acordo com a reflexão de Helminiak, a relação homogenital continha o sentido completamente diferente. Helminiak demonstrou que praticar a atividade homogenital implica ser os gentios que não aderiram a religião judaica. Desse viés, o cerne do problema não era a prática sexual entre duas pessoas do mesmo género, mas sim o pertencimento religioso. Isso parece deixar claro que o Levítico no texto hebraico considerava o sexo homogenital como um ato de traição da adesão religiosa, o que era entendido como um grave pecado que merecia o julgamento divino. Como Israel era

demarcado pelo Senhor como a terra consagrada, seria importante distinguir o comportamento do povo de Israel da conduta dos gentios. Percebe-se que o propósito do Levítico era o de proibir Israel de envolver práticas dos pagãos, visto que o sexo homogenital estava ligado à idolatria, a atos gentios (HELMINIAK, 1998, p.49). Nesse sentido, podemos constatar que a questão não estava focada na preocupação sexual e moral, mas religiosa. Como o Islão formou o cânon de não comer a carne de porco para os adeptos serem identificados como muçulmanos. No entanto, ninguém deve pensar de certeza que comer carne de porco é algo errada. Assim, de forma similar, a proibição de ato homogenital no Levítico era alinhar o povo de Israel com a lei judaica, preservando a identidade judaica.

Além disso, Helminiak apontou que “abominável” no Antigo Testamento era somente um sinónimo de “impuro”. No entanto, evidencia-se que não é fácil recuperar o sentido de impuro naquela época. Mesmo hoje em dia, “não há consenso algum sobre aquilo que poderia ser chamado por todos de sujo ou de limpo.” (ibidem, p.52-53). Portanto, nesse contexto, vislumbra-se que a importância de Levítico não era decidir se a prática homossexual é errada ou não.

Dessa forma, com o passar do tempo, vários especialistas levantaram diferentes interpretações nesse campo. Em suma, não podemos negar que a Bíblia tem sido frequentemente utilizada como uma “arma especial” para perpetuar uma violência homofóbica na sociedade brasileira.

2.1.2 Influência espiritual e “cura” em culto evangélico

Sob a ótica da perspectiva evangélica pentecostal, a homossexualidade como conduta sexual desviante é interpretada como um suposto problema espiritual, gerando assim transgressão sexual. Isso quer dizer que a presença da homossexualidade está a ser associada a alguns fatores externos com influência espiritual que têm possibilidade de causar o surgimento de comportamentos não-normativos, ou seja, a

homossexualidade é vista como uma prática adquirida e não algo de inato.

A partir do ponto de vista evangélico pentecostal, a homossexualidade não devia ser vista como uma doença nem uma orientação sexual, mas sim como problema espiritual que provoca uma afinidade sexual com outras pessoas do mesmo gênero (ALMEIDA, 2009, p.90). Há o entrelaçamento entre as religiões afro-brasileira e a desgraça da qual as pessoas pretendem libertar. Nesse sentido, a entidade Pombagira atua mais no caso de homossexualidade (ibidem, p.90). O espírito maligno que ocupa do corpo do endemoninhado, na maior parte das vezes, é concebido como provindo dos rituais não evangélicos no seio das religiões afro-brasileiras como Umbanda ou Candomblé. Os rituais das religiões afro-brasileiras podem estar ligados à possessão demoníaca que leva a gente ao afastamento de um código comportamental considerado apropriado, desviando-a dos ensinamentos de Jesus. Há uma certa probabilidade de que a integração nas crenças não evangélicas pode fazer os indivíduos gostar de alguém do mesmo sexo (CABRAL, 1995, p.21).

A sociólogo Maria das Dores Machado demonstrou a suposta influência diabólica no comportamento homoafetivo e a conversão de alguns ex-adeptos dos grupos afro-brasileiros ao Pentecostalismo que os ajuda a deixar de agir como os homossexuais. Um pedreiro que foi entrevistado por Machado já frequentava há muitos anos a Igreja Assembléia de Deus²³ e era casado com uma pentecostal. No entanto, esse pedreiro confessou que ele praticava atos homossexuais no momento em que aderiu à religião afro-brasileira. Portanto, a seu ver, seria inextricável a associação entre integração na crença afro-brasileira e o desvio de conduta sexual como homossexualidade. Ele ainda ressaltou a sua sensação de incômodo por ter a conduta sexual diferente do comportamento imputado ao gênero masculino e disse: “este cara não tem nada a ver com o cara que pratica o que ele pratica. Não foi projetado para isto, tá nítido no próprio corpo.” (Machado, 1998, p.280). Dessa forma, em consequência de ser endemoninhado, esse pedreiro praticava atos inadequados como sexo anal, entretanto esses atos foram vistos contra a sua própria vontade. Assim, podemos notar que, de uma perspectiva cristã,

²³ Igreja Assembléia de Deus: é fundada na cidade de Belém do Pará e é considerada como a maior denominação cristã evangélica pentecostal no Brasil.

a homossexualidade é prática sujeita a aspetos demoníacos, sendo sempre encontrada no pólo negativo, o que permite o reforço da imagem marginalizada de homossexualidade.

Aqui, é importante mencionar a experiência semelhante de um pastor, cujo nome é João Carlos Xavier, que era um homossexual antes de se converter ao pentecostalismo. O candomblé influenciou involuntariamente a sua preferência comportamental e sexual quando era pequeno com a falta de discernimento do bem e do mal de mundo. No seu livro, ele apontou que “o diabo só pode atuar no mundo dispondo das “mentes” das pessoas ignorantes.” (XAVIER, 2016, p. 9). Satanás seduziu-o com a felicidade e conforto iludível, quebrando a sua barreira de moralidade. Assim, antes de se aproximar de Jesus Cristo, a vida dele foi possuída pelos efeitos demoníacos que o levaram a engajar em práticas homossexuais, sendo como se a morte fosse o único fim que o esperava. Graça à força do grande poder de Deus, ele passou de “cavalo de diabo” a ser ovelha de Deus que tinha se perdido e naquele momento voltou a casa de Deus. Essas considerações com visão cosmológica contribuem para a formação da ideia física-moral da homossexualidade. Nesse contexto, nos argumentos de pastor João, os desejos homossexuais que são insinuados por demónios necessitam do ritual evangélico de purificação.

Dessa forma, para estas pessoas, porque há um problema espiritual é necessário um envolvimento na tática de cura. Na esfera evangélica, é de notar que, a homossexualidade é caracterizada pela perversão sexual que diz respeito a aspetos externos como o problema espiritual. Nesse sentido, é viável realizar a reversão de conduta sexual por meio de processo de cura cristã. Sob a visão cosmológica, há uma possibilidade de os homossexuais voltarem a ser heterossexuais, recuperando os seus desejos sexuais por pessoas do sexo oposto. Como já supracitado, o vírus HIV é concebido como castigo divino para os homossexuais, foram listadas algumas igrejas evangélicas que preparam o apoio à disposição dos indivíduos homossexuais e portadores de HIV no Jornal de Igreja Assembléia de Deus (Mensageiro da Paz, 1996, p.28 apud Machado, 1998, p.279). Além disso, há bastantes homossexuais que não quiseram mais se comportar de forma contrária à natureza e sofreram a discriminação

de outrem vieram para pedir a ajuda do grupo evangélico para os transformar em heterossexuais novamente (JUSTINO, 1997, p. 30 apud NATIVIDADE, 2006, 61).

A libertação que permite tirar os seres humanos das garras de Satanás é considerada como ponto mais essencial no processo de culto milagroso. Até ao momento, muitos antropólogos refletiram a vinculação entre os rituais afro-brasileiros da possessão e o desvio na esfera de sexualidade. Para os crentes pentecostais, os diabos que causam o infortúnio a endemoninhados são as mesmas entidades que vivenciam nos terreiros de Umbanda e Candombém (ALMEIDA, 2009, p.89). Dessa forma, a possessão pode ser realizada na participação de ritual da religião afro-brasileira em que todos usam trajes específicos, como João Carlos Xavier descreveu no livro:

“Ao chegar, fiquei estupefato! Peter estava de branco com um sino na mão (adijá) e tocava aquilo invocando os orixás na cabeça de alguns que ali se encontravam [...] Peter disse-me que eu teria que fazer caridade deixando-me usar através do corpo, para que entidade reconhecidas, como guias de cabeça, costas, herança carrego e crianças pudesse se apresentar (manifestar) em mim para que desenvolvesse uma vida de caridade e aperfeiçoamento espiritual. Não satisfeito, Peter disse-me que se eu quisesse continuar o nosso “caso amoroso” tinha que frequentar o candomblé, porque os candomblecistas não poderiam ter “caso” com pessoas de outra religião.” (XAVIER, 2016, p. 46).

Nesse caso, a orientação homossexual de João foi instilada por entidades de Candomblém na sequência de se entregar a essa religião. Além disso, ao contrário do cristianismo, é aceitável o ato homoafetivo em lugares ocupados por os candomblés, e a maior parte de pais e mães-de-santo são praticantes do homoerotismo. Aqui parece um abrigo que os homossexuais podem agir à base de suas orientações sexuais sem nenhum sofrimento de discriminação, “transformando seus estigmas sociais em vantagens” (FRY, 2012, p.32).

Assim, não é estranho que vários pastores evangélicos tratam da homossexualidade como um problema espiritual causado por entidades de religiões afro-brasileiras. No sentido evangélico, a adesão ao pentecostalismo é considerada o primeiro passo para se libertar dos problemas como a homossexualidade. É relevante saber que a participação do exorcismo pentecostal é uma maneira de libertação da ação

do demônio, sendo um meio para voltar à orientação de Jesus Cristo, ao casamento e à família. No plano de Deus, ser livre significa atrelar a sua concupiscência e viver conforme os princípios morais e determinações de Deus (NATIVIDADE, 2006, p.123). A luta contra as forças espirituais do mal é o objetivo das igrejas pentecostais que visam realizar a restauração de alma com moralidade positiva, voltando a ser homem correspondente à ordem de Criador e abandonando as identidades malignas.

Do ponto de vista evangélico, a perversão no campo de sexualidade que é ilustrada na desordem do gênero necessita de ser recuperada no procedimento de tratamento divino. No ritual de purificação, as orações servem de meios de cura a fim de alinhar a construção do gênero com o padrão de homem e mulher de Deus. Nessa perspectiva, o abrandamento dos desejos homossexuais busca indispensavelmente a restauração da consciência do gênero natural e a redescoberta dos atributos de masculinidade e feminidade. Como a mudança da atitude daquele pedreiro que foi entrevistado por Machado após integrar em performance de Igreja Assembléia de Deus:

Eu queria usar algo que me foi dado. Se me foi dado o pênis eu quero usar ele e quero usar de forma correta... Na época do homossexualismo eu era passivo, nunca tinha usado aquilo que eu possuía. Do mesmo jeito, se me foi dado um ânus para defecar, eu quero só defecar, porque ele foi feito para isso. É o direito que eu tenho sobre ele... Ele foi projetado para isso, ele não foi projetado para outra coisa. (MACHADO, 1998, 285).

É importante apontar que, na reflexão de Natividade, ele referiu dois conceitos de “corpo carne” e “corpo templo” que contém o sentido de corporalidade. No início, os indivíduos estão submetidos aos desejos do corpo, possuídos por diabos, após o exorcismo, transformam-se templo divino. Dessa forma, a purificação ritual é um processo que procura realizar a santificação e “devolve à vontade e autonomia ao sujeito” (NATIVIDADE, 2006, p.127).

Antes de expulsar o demônio, os pastores normalmente dirigem os fiéis a localizar onde e quando se aproximam dos representantes malignos, o que confere essas performances um teor cosmológico. Percebe-se que a referência com bastante frequência ao diabo incentiva mais o dualismo entre o bem o mal. É inabalável a posição

negativa do demônio, que no sentido evangélico, está sempre ligado à maldição oriunda da religião afro-brasileira. Assim, devido à associação entre amor homoerótico e religião afro-brasileira, permite-se que as condições da sobrevivência dos homossexuais no Brasil permanecem a tendência de deterioração.

A igreja pentecostal, caracterizada pela belicosa intolerância, pela sessão de descargo e execução da universalização da sua mensagem, considera que a sua posição é superior que as outras religiões, em particular, as religiões afro-brasileiras. Entretanto, a expansão da Igreja pentecostal não pode atuar com efeito, em certo nível, sem papel de diabo, nesse caso, ainda necessita de existência de religiões afro-brasileiras com a finalidade de servir como um espelhamento para refletir a eficácia e validação da sua mensagem. Portanto, o demônio nunca é por completo batido em só uma sessão de ritual de libertação, mas recebe a derrota de forma temporária, isso leva a que aumente a quantidade do culto que costuma ser filmado por câmeras de televisão com a finalidade de expandir a influência da mensagem pentecostal. É óbvio que tudo isso colabora para a intensificação da imagem negativa da homossexualidade como uma perversão ou promiscuidade na esfera de sexualidade.

O diabo é visto como origem de todos os sofrimentos. Vincular o diabo com religiosidade inimiga é uma estratégia de diminuição da sua influência. Podemos constatar que o papel de demônio não somente serve para garantir fôlego à propagação de mensagem pentecostal, também favorece a marginalização dos homossexuais em que se encontram por causa da relação entre o demônio e a orientação homossexual. Embora muitos adeptos de religiões afro-brasileiras sejam praticantes homossexuais, “os candomblés ainda não articularam um discurso politicamente coerente em defesa da visibilidade e afirmação das minorias sexuais” (MOTT, 2007, p.447).

2.2 Homossexualidade na ideologia chinesa

2.2.1 “Piedade Filial”, “Cortesia” e “Moderação”

Observam-se atitudes intolerantes e discriminatórias perante os homossexuais tanto no território brasileiro como na China. Contudo, as causas para essa intolerância na China são diferentes do Brasil. Como já supracitado, entre a comunhão com o Espírito Santo, o ato homoerótico é considerado uma desordem na sexualidade que foge do padrão instaurado por Deus. Por causa disso, no Brasil, ainda se mantém a intolerância sexual com a atitude negativa em relação aos homossexuais. Entretanto, na China, o papel da religião não é tão relevante como no mundo ocidental. Especialmente após a fundação da República Popular da China, o efeito da religião tornou-se cada vez menor na vida quotidiana do povo chinês. Mesmo assim, também há religiões como taoísmo e budismo que exercem certa influência na China. Entretanto, devido à proibição do envolvimento da atividade sexual, o budismo mostra uma postura silenciosa face à minoria sexual homossexual, assim, podemos vislumbrar que no budismo não há histórico de perseguição contra homossexuais (XINGJIE, 2021, p.48). O taoísmo parece tomar uma atitude semelhante à do budismo, caracterizada pela moderação. É importante mencionar que não há uma regra rígida em relação à orientação sexual na doutrina taoista (ibidem, p.48). Portanto, constata-se que é raro ocorrer as perseguições aos homossexuais devido às causas religiosas na China.

Note-se que são os valores confucianos que se encontram enraizados na mente dos chineses. Nesse sentido, a ética confuciana penetra praticamente todas as classes sociais na sociedade chinesa. Além disso, o enfoque principal da ideologia confuciana está precisamente no interesse no que concerne aos relacionamentos humanos. No confucionismo, as normas de condutas são mais importantes do que as questões metafísicas (CORDEIRO, 2009, p.8). Na ideologia confucionista, o processo da instilação dos pensamentos de “Piedade Filial”, “Cortesia” e “Moderação” contribui para influenciar as atitudes da sociedade exterior sobre a comunidade homossexual.

“Entre todas as virtudes, a piedade filial é posicionada em primeiro lugar” é um

aforismo que ganha grande terreno na construção da ética confuciana. Este dito provém de um texto dos Analectos de Confúcio constitui o livro mais nuclear da doutrina confuciana. Pode-se dizer que a influência dos Analectos na China é comparável ao da Bíblia no Ocidente. Confúcio tendo em conta os pontos fortes de várias escolas naquela época, deu a primeira interpretação profunda da piedade filial e fundou o sistema ideológico tradicional em relação ao conceito de piedade filial. É interessante apontar que naquele momento, um pensamento de “Tratar os outros da mesma forma que se tratar a si mesmo” deu continuação ao desenvolvimento do conceito confuciano de piedade filial. Evidencia-se que toda a sociedade tradicional chinesa se baseia no conceito da piedade filial, que também tem uma influência decisiva na vida fora da família, e que constitui a base do pan-filialismo (WANG, 2011, p.145). De acordo com Analectos de Confúcio, para os filhos, os deveres de piedade filial são entendidos como base fundamental de moralidade do seu humano. A piedade filial configura a unidade mais essencial nas relações complicadas entre os homens (PINA-CABRAL, 2020, p.193).

No sistema ideológico de confucionismo, um discípulo chamado Mengzi apresentou três comportamentos que podiam ser definidos como falta de piedade filial. Ser obediente demais aos pais é, no entanto, considerado a primeira oposição a princípios filiais, uma vez que tal obediência sem nenhum julgamento do que é certo e errado pode deixar os pais em dilemas. O segundo ato sem piedade filial é que os filhos dispõem de poucos recursos financeiros para cuidar dos pais. O último ato, sendo o mais imperdoável, trata-se de não realizar casamento, isso equivale a dizer que há pouca possibilidade de ter descendentes. No que se refere à piedade filial, os filhos não somente satisfazem materialmente aos seus pais, mas também os respeitam e lhes oferecem conforto espiritual.

Para agradar aos pais, nada é mais feliz do que receber um neto. Nesse contexto, percebe-se que os chineses dão valores significativos aos herdeiros tanto na antiguidade quanto na época contemporânea. Há também um ditado popular na vida chinesa que diz que quanto mais filhos tiver, mais próspera será a família. É possível de se observar que a abundância dos filhos é também um dos critérios para julgar a prosperidade de

uma família. Assim, a maldição mais viciosa de todas é “cortar a continuação da descendência”, o que leva os membros do clã a ser culpados face aos seus antepassados (ZHANG, 2010, p.183). Do ponto de vista confuciana, o ser humano não é um indivíduo independente, mas um elo na “perpetuação do sangue da família”, por conseguinte, os chineses atribuem grande importância ao laço de sangue (WANG, 2011, p.145).

Além disso, não podemos deixar de mencionar a “Cortesia” que faz parte significativa no confucionismo. A cortesia ressalta a manutenção da ordem social formada pela ideologia do confucionismo. Os confucionistas estabeleceram um código de cortesia que permitiria a disciplina do comportamento das pessoas, visando à harmonia da sociedade humana. Um seguidor de confucionismo Dong Zhongshu propôs uma regra da cortesia acerca da convivência do casal que assumia o papel marcante na construção da ética do povo chinês. É óbvio que essa regra é baseada no casamento heterossexual. Neste contexto sociocultural, o casal homossexual não corresponde a normativa heterocêntrica, sendo difícil aceitar na sociedade chinesa.

Na cultura chinesa, o casamento tradicional é visto como um ato social que reflete a distribuição e a movimentação tanto do estatuto social como dos bens. Verifica-se que a formação de uma nova família na antiguidade não tinha nada a ver com o sentimento amoroso ou prazer sexual, mas era um meio de estabelecimento de ligação entre duas famílias diferentes (ibidem, p.146). Há um aforismo popular no sistema confuciano que é “disciplinar-se a si próprio, harmonizar a família, governar a nação, conduzir o mundo à paz”. Aqui, “harmonizar a família” desempenha o papel relevante na vida do povo chinês e seria uma vergonha se a família se virasse uns contra os outros. Dessa forma, tornou-se uma regra geral que “a vergonha da família não deve ser revelada”. No Confucionismo, uma sociedade governada pelo pensamento de cortesia é uma sociedade em que as pessoas observam a moralidade e têm vergonha. Sob o pensamento de cortesia, transgredir o código moral é a essência de “vergonha” confuciana. É por esta razão que embora os homens não estejam sexualmente satisfeitos dentro da casa, para ter descendentes, eles habitualmente não optam por destruir a harmonia da família (ZHANG, 2010, p.183).

A partir da fundação da República Popular da China, as primeiras reformas familiares promoveram o vínculo conjugal como uma nova ética sexual e consideraram o casamento como uma responsabilidade política com vista a estabilizar a unidade familiar. Não podemos negar que a ênfase da realização desta responsabilidade estava na presença da concepção da piedade filial e cortesia. Os jovens que eram influenciados pela ideologia tradicional queriam ser bons filhos através da realização do casamento, da reprodução da descendência da família e da manutenção da harmonia familiar (ZHANG, 2018, p.74).

Não há dúvida de que os homossexuais não conseguem produzir descendentes na mesma forma que os heterossexuais fazem. Além disso, na China, para os gays, é inviável tomar alternativas tais como busca de mãe portadora que possibilita conceber um bebê. Mesmo para as lésbicas, se elas quiserem dar à luz um bebê, será bastante difícil colocar esse bebê na caderneta de registo de agregados familiares. Na China, como a adoção é um ato jurídico civil e deve respeitar as condições e procedimentos exigidos, infelizmente, não há probabilidade de realizar a adoção se o adoptante for um homossexual. Já que os casais homossexuais não podem conceber filhos da forma natural, as suas estruturas familiares incompletas causam uma reação negativa do partido conservador e levam à estigmatização dos homossexuais (XIE; PENG, 2018, p.1757). Nesse contexto, o estatuto social dos homossexuais chineses é afetado em certo grau quando eles se tornam “assumidos”. Seja em casa seja no trabalho, os homossexuais têm de enfrentar inevitavelmente os comentários sociais e as atenções excessivas do público (XU; BAO, 2019, p. 735).

Com o passar do tempo, é inequívoco a objetividade crescente no retrato da homossexualidade na sociedade chinesa. No entanto, foi revelada a tendência conservadora em alguma cobertura noticiosa no que concerne à homossexualidade. Isto mostra que no contexto cultural da China, a homossexualidade ainda não é totalmente aceite pela sociedade, e que algumas pessoas ainda a consideram como uma “prática torpe” ou um “problema de qualidade pessoal.” Talvez as restrições mais óbvias ao indivíduo chinês sejam as ideias de família baseada no conceito de piedade filial e cortesia, o que abrange a importância da reprodução de descendentes e da harmonia

familiar. A ideologia da piedade filial sufoca moralmente os direitos das pessoas que não têm a mesma orientação sexual que a maioria da sociedade tem, tais como os direitos iguais dos homossexuais à liberdade de amar e à autonomia conjugal. Não resta a menor dúvida que esta ideologia tradicional está profundamente enraizada na mente das pessoas chinesas e, em certa medida, tornou-se uma grilheta, relegando a população homossexual à marginalidade.

Último pensamento que afeta a atitude do povo chinês em relação aos homossexuais é “Moderação”. A moderação confere a ênfase ao controle razoável das coisas a fim de não atingir ao extremo e amenizar os conflitos. Formou-se a ideia de que todas as coisas têm suas razões da existência. Alcance uma situação harmoniosa entre os elementos opostos é objetivo desse pensamento, uma vez que é impossível promover a diversidade da sociedade se todo mundo for homogêneo (ibidem, p.48). No que concerne à minoria sexual como os homossexuais, que são sujeitos à categorização de desvio da norma universal, manifestando a forma oposta à heterossexualidade. Assim, há alguns especialistas chineses que consideram que a "Moderação" torna os chineses mais tolerantes em relação à homossexualidade. Observa-se que a discriminação é exibida de forma menos claras e explícitas. Embora as pessoas sintam o desconforto ao saber que alguém próximo de si é homossexual, é raro expressar abertamente a atitude homofóbica e fazer protestos contra a comunidade LGBT (JIN, 2014, p.115).

Esse pensamento de moderação permeia vários aspetos da cultura sexual da China, o que faz com que a maior parte dos chineses trate as questões sexuais de forma mais discreta. Na China, não houve castigo atribuído aos homossexuais com a mesma crueldade que foi imposta aos homossexuais no Brasil (ZHANG, 2010, p.183). Não é adequado compreender que na China, há uma aceitação elevada quanto a gays, no entanto, o povo chinês tomam uma feição menos radical em comparação com as violências ocorridas no Brasil. Luís Mott referiu que num bairro suburbano de Salvador, um avô espancou seu neto até à morte depois de saber que era homossexual (MOTT,

2007, p.448). Entretanto, uma socióloga Li Yinhe²⁴ demonstrou que sob a influência do pensamento de moderação, são relativamente raras tanto a aceitação cem por cento como a hostilidade absoluta em relação à questão de homossexualidade (LI, 2013, p.31). Assim, é evidente que a moderação tem desempenhado um papel harmonizador na atitude do povo chinês, permitindo que as pessoas tratem os gays não somente na ótica solidamente ética, mas também de uma perspectiva mais objetiva.

Contudo, também há outra consideração que esta "tolerância" não é realmente "tolerância", mas sim uma forma de ignorância, desrespeito ou desprezo. Por conseguinte, é provável que algumas pessoas não prestam atenção aos comportamentos fora da normativa heterossexual. Nesse caso, os ódios não são alimentados, assim, talvez isso seja uma razão de encontrar raramente os comportamentos homofóbicos. Porém, para os homossexuais chineses, também não é fácil reivindicar os seus direitos humanos.

2.2.2 Opções dos homossexuais chineses

As situações em que os homossexuais chineses se encontram são marcadas pelos conflitos entre a ideologia tradicional e auto-identificação. Alguns homossexuais chineses se identificam como gays, mas “não assumidos”. Os homossexuais chineses foram cercados pelo ambiente heterocêntrico e insinuados pelo pensamento de confucionismo desde tenra idade, compreendendo perfeitamente as ideias homofóbicas na sociedade heterossexual ao longo do tempo. Dessa forma, aqueles que têm uma boa percepção da sua orientação sexual, oposta à heterossexualidade, estão sempre relutantes em revelar a sua homossexualidade às pessoas que os rodeiam, particularmente, aos seus pais. Com o objetivo de não sofrer a morte social e decepcionar os pais, eles tendem a permanecer no “armário” para não entrar numa

²⁴ Li Yinhe: Natural de Beijing, é socióloga da china continental, ativista social, sexólogo e ativista dos direitos LGBT.

situação bem mais adversa (WANG, 2011, p. 142). Um antropólogo chinês Wang Qingfeng²⁵ fez uma entrevista com um homossexual, um jovem que confessou sua opção pessoal:

Não volto a casa há dois anos e quero voltar este ano. Os meus pais vieram a Pequim no Ano Novo e exigiram-me a procura de da namorada. O que posso fazer é adiar o máximo de tempo possível, até que envelheçam e já não tenham mais energia para me pressionar. Já lhes disse que estou bem a viver sozinho e ainda sou muito jovem para não ter pressa de me casar. Sair do armário seria uma ideia péssima. Eu nunca o faria se não tivesse a certeza. Se eu me declarar como homossexual em público, isso irá magoá-los (ibidem, p.144).

Sob a influência da ideologia chinesa, não podemos deixar de referir um episódio interessante de que pais ou parentes estão sempre a pressionar os filhos adultos a procurar um parceiro e realizar o casamento. Nesse contexto, verificamos que alguns homossexuais têm de ceder à essa pressão das circunstâncias, assim, há um fenómeno exclusivo na China que o homossexual masculino casa com uma mulher heterossexual que talvez não saiba que o seu marido é homossexual. Essas mulheres são chamadas “esposas de homens gays”, em inglês é *gay men's wives*. Se uma lésbica decide casar com um homem, este é considerado “marido de lésbica”. Segundo os resultados de um inquérito de 2005 do sociólogo chinês Liu Dalin²⁶, salienta-se que mais de 90% dos homens homossexuais (incluindo homens bissexuais) são casados com heterossexuais. A causa principal desse fenómeno, como já se mencionou anteriormente, é que a cultura chinesa dá especial importância ao casamento e aos valores familiares, e coloca uma ênfase especial na continuação de geração.

Outro homem que foi entrevistado por Wang revelou que quase todos os seus amigos gays tinham de sofrer a consequência negativa ao sair do armário para suas famílias e o resultado final é que a maioria dos amigos gays são casados, embora eles não sintam paixão por suas esposas.” (ibidem, p.145). Nesse caso, não é exagero dizer

²⁵ Wang Qingfeng: Natural de Zhengjiang, estudou sociologia na Universidade Zhejiang (B.A., 2001-2005), Universidade Sun Yat-sen (M.A., 2005-2007) e Universidade de Pequim (Ph.D., 2008-2012). É actualmente doutor no Centro de Investigação de Etnografia e Antropologia Mundial, dedicando-se principalmente à investigação em etnografia e teoria sociológica.

²⁶ Liu Danlin: Doutor no Departamento de Sociologia, Universidade de Xangai, Presidente da Federação Asiática de Sexualidade e Director do Museu Chinês de Cultura Sexual.

que os homossexuais chineses se mantêm sufocados pelos pensamentos de piedade filial e cortesia de confucionismo. Na visão deles, declarar suas posturas no tocante às identidades sexuais como “assumidos” é uma maneira de frustrar as esperanças dos pais. Por conseguinte, bastantes homossexuais chineses são forçados a casar com um heterossexual para escapar à pressão dos pais. Aliás, um matrimónio sem amor pode suscitar muitos problemas, tais como as queixas de esposa/marido, as expectativas demais dos pais em relação ao bebé. É mais do que claro que, eles geralmente estão sujeitos à pressão mais severa do que antes devido à culpa interna, que acabam por magoar mais pessoas inocentes.

Há outra estratégia feita por homossexuais que é a realização do “casamento formal”. Por causa do irreparável trauma psicológico e problemas sociais associados ao casamento referido em cima, muitos gays consideram esse “casamento formal” como uma forma de lidar com os seus pais e a sociedade heterossexual. Esse “casamento formal” não prejudica os inocentes, uma vez que ambas as partes conhecem bem um ao outro e até há acordos entre eles, por exemplo uma lésbica casa com um gay masculino para satisfazer os desejos dos pais. Nesse sentido, pode-se dizer que a essência do “casamento formal” é uma mentira de bondade. Entretanto, esse “casamento formal” também varia muito em função de fatores como as características pessoais, recursos financeiros, elementos familiares e as compatibilidades entre as duas partes, etc. Atualmente, ainda não existe um modelo único ou conclusão definitiva no que diz respeito ao “casamento formal”.

Como se mantém a identidade sexual numa sociedade moldada por ideias tradicionais é uma questão que os homossexuais chineses necessitam de enfrentar. Demonstra-se que as aceitações de alguns conteúdos de piedade filial passam a ser diminuídas, tais como a continuação de geração, obediência absoluta aos desejos dos pais, não realização de viagem longe de casa enquanto os pais estão vivos, etc. Entretanto, as ideias que ainda têm uma aceitação elevada na sociedade incluem: apoiar os pais, respeitar os pais, não querer mandar os pais para um lar de idosos, etc (ZHANG, 2018, p.74). Tudo isso não significa o declínio da piedade filial, mas a atualização espontânea da piedade filial, refletindo aumento gradual da atenção aos valores e

direitos individuais e uma aproximação ao objetivo de uma vida melhor.

Com o desenvolvimento da diversidade social e das diferenças individuais nas necessidades, o pensamento de moderação com o teor de harmonizador leva o povo a olhar os homossexuais de forma mais objetiva. Esse pensamento não somente influencia a atitude de pessoas da sociedade face à comunidade homossexual, mas também, em certa medida, acalenta a esperança aos homossexuais. Eles começaram a ter consciência de reivindicar os seus direitos e forjar uma afirmação de uma identidade não normativa.

2.3 Sumário: ambiente adverso e estratégia da adaptação à sociedade heterossexual

Há evidência de que o ambiente de sobrevivência dos homossexuais é tão adverso tanto no Brasil quanto na China. É um fenómeno deprimido de que os homossexuais brasileiros são alvos de intimidação, sendo expulsos por famílias, insultados por colegas da escola, humilhados por meios de comunicação e, nos piores casos, surrados e assassinados por indivíduos homofóbicos extremistas. “Tudo isto é feito em nome da religião e da suposta moralidade judaico-cristã” (HELMINIAK, 1998, p.46). Na China, o confucionismo como a ideologia tradicional dominante representa uma força que tende a sufocar os homossexuais, fazendo com que entrem facilmente em depressão. Mesmo que o pensamento de moderação faça o povo chinês menos radical, não podemos dizer firmemente que não há preconceito perante os homossexuais na China.

É interessante reparar que a importância da procriação na Bíblia parece igual à na China. Na Bíblia, o objetivo final do ser humano é realização da reprodução, porque ter filho é um dom de Deus. No pensamento da piedade filial do confucionismo, ter um descendente significa a “perpetuação do sangue da família”. Como os homossexuais não conseguem ter bebé de forma natural, é muito provável sentirem a desilusão e intolerância no convívio familiar.

Além disso, verifica-se que o ato de amor realizado entre indivíduos do gênero oposto não é considerado uma maneira de um uso inapropriado do corpo na Bíblia. Na visão do pensamento da cortesia do confucionismo, todas as regras sobre matrimônio são baseadas no casamento heterossexual. Neste contexto sociocultural, o casal homossexual não corresponde a normativa heterocêntrica, sendo inevitável sofrer a discriminação na sociedade brasileira e chinesa.

Face à propagação da imagem negativa da homossexualidade como “perversão”, “promiscuidade” e “anormalidade”, alguns homossexuais frequentam a igreja evangélica para integrar a purificação ritual, visando realizar a libertação do “Maligno”. Na igreja, eles podem se sentir acolhidos, não são tratados como sujeitos marginalizados da sociedade. É suficiente para se perceber que alguns homossexuais brasileiros optaram por ter acesso à ajuda religiosa que tem função de reorientar os comportamentos sexuais a fim de os ajudar a se adaptar novamente à sociedade heterossexual, não sendo os indivíduos deserdados por seus amigos e familiares.

As estratégias dos homossexuais chineses como a busca de um namoro do gênero oposto e “casamento formal” são os meios para agradar aos pais. No contexto governado pela ideologia tradicional, os homossexuais que permanecem no “armário” não queriam destruir a harmonia da família e sofrer a morte social na vida quotidiana.

Podemos compreender que as estratégias efetuadas tanto por homossexuais brasileiros quanto por homossexuais chineses são reações dolorosas face ao ambiente hostil à minoria sexual. Eles que são sujeitos ao escárnio de outrem têm também desejos de viver como aqueles heterossexuais na sociedade. É de extrema importância acentuar que ainda há um longo caminho para percorrer na reivindicação dos direitos homossexuais, em que é indispensável enfrentar a tensão entre a tradição e a modernidade.

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE

BRASILEIRA E CHINESA NA INDÚSTRIA CULTURAL

3.1 Homossexualidade na teledramaturgia brasileira

3.1.1 Panorama histórico da homossexualidade na teledramaturgia brasileira

Com o desenvolvimento da tecnologia moderna, a televisão se tornou um dos meios de comunicação de massa, assumindo um papel crucial na difusão de mensagens políticas, econômicas e culturais. É relevante mencionar que a televisão, que pode ser assistida à distância, mais do que um mero produto tecnológico, pois possui uma função social e cultural. Ligando a imagem visual com a narrativa, a comunicação televisiva prende a atenção do telespectador, produzindo uma profunda impressão no público e satisfazendo tanto os olhos quanto os ouvidos (COSTA, 2018, p.24). Nesse sentido, é importante perceber que certas imagens, veiculando determinadas narrativas exibidas numa peça televisiva contêm carga ideológica e cultural que será transmitida para a maior parte da população (ibidem, p.27). Dessa forma, é inevitável reconhecer a influência considerável do meio televisivo.

A televisão é concebida como um espaço marcado pela diversidade, tendo a tendência de abranger as diferenças e expô-las em vez de ocultá-las. “Até o advento da televisão, nenhum outro meio de comunicação havia possibilitado o acesso a tamanha

variedade de experiências humanas, povos e culturas diferentes.” (SANTOS, 2021, p.9). No entanto, é importante destacar que as formas de comunicação, como a televisão elaboram seus próprios sentidos em relação a certos assuntos, o que pode levar à propagação de imagens e discursos preconceituosos que afetam a opinião pública (COSTA, 2018, p.25).

Deve-se notar que a telenovela é uma parte relevante da programação televisiva no Brasil, sendo a forma mais privilegiada de teledramaturgia. No que tange à indústria cultural, não se pode deixar de mencionar o terreno conquistado pela telenovela brasileira, que ganha o reconhecimento público e se torna uma figura representativa da contemporaneidade brasileira em termos culturais e estéticos (LOPES, 2009, p.27). É importante destacar que as mensagens produzidas pela telenovela que se infiltram na vida do povo brasileiro influenciam tanto miúdos quanto graúdos. Nesse contexto, os indivíduos de diferentes camadas sociais, gêneros, raças, entre outros, se conhecem e se dialogam. As telenovelas articulam enredos românticos com temas sociais como a corrupção política, a violência doméstica, o racismo, as minorias sexuais, etc, ganhando mais desta forma visibilidades. Pode-se dizer que as questões sociais se refletem nas tramas do amor, da família, da amizade das telenovelas brasileiras que realizam uma integração dos “temas do âmbito público ao universo privado em suas narrativas” (ibidem, p.27).

É razoável compreender que a telenovela se converte num dos palcos mais consideráveis e diversificados em que se coloca a problematização do Brasil. Os enredos da telenovela são produzidos pela contradição entre gêneros, entre classes sociais, entre heterossexual e homossexual, etc. É bom destacar que “esses dramas nas novelas já não são lineares nem unilaterais, mas, antes, bastante nuanceados e marcados por um movimento ambivalente de transgressão e conformismo.” (ibidem, p.29). Na telenovela brasileira, os teores conflituosos desses temas não costumam ser recalçados, chegando a ser exibidos de forma exagerada, provocando discussões acaloradas acerca da presença na comunidade das minorias e da reivindicação do direito das minorias na sociedade brasileira.

Constata-se que os personagens homossexuais seguem aparecendo nas telenovelas,

fornecendo uma ampla diversidade de trajetórias e experiências humanas. Dessa forma, pode-se abordar a representação social da homossexualidade por meio da produção televisiva. É importante realizar estudos sobre diferentes telenovelas para compreender as transformações ocorridas na atitude da sociedade em relação à homossexualidade e, particularmente, explorar como as formações discursivas contribuem para a construção de visões e compreensões acerca da sexualidade e gênero ao longo da história.

Nos anos 70, o acelerado processo de avanços técnicos e o aumento econômico na televisão brasileira permitiram mais possibilidades na criação de efeito visual e linguagem cenográfica. Entretanto, essa época foi marcada pelo cerceamento das liberdades em diversos âmbitos dos direitos humanos e pela expansão de censura política imposta pelo regime militar, que pretendeu desbloquear ao máximo as manifestações consideradas subversivas e anormais com base em códigos morais.

Convém ressaltar que a implantação da censura teve como objetivo dificultar a circulação de diversas ideias opostas ao que o governo considerava como “certo” e “apropriado”, o que levou à imposição de cortes e restrições na produção teledramatúrgica e artística. Segundo a programação da Rede Globo nos anos 70, houve “um momento de experimentação às 22h”, destinado aos indivíduos de classe média que assistiam a telenovelas com tramas “menos ortodoxas” e temas mais “polêmicos” ou excêntricos, o que permitiu que as telenovelas escapassem ligeiramente à interferência da censura (PERET, 2005, p.79).

Por conseguinte, bastantes investigadores consideram que esse foi um momento florescente da indústria teledramatúrgica brasileira. Também foi nessa época que surgiu a primeira telenovela a se referir à homossexualidade, chamada *O Rebu*(1974). Essa telenovela marcou o começo da aparição dos personagens homossexuais no palco televisivo, apesar de a homossexualidade ser representada de forma negativa (ibidem, p.80). Verifica-se que havia uma restrição invisível da participação dos personagens homossexuais nas tramas das telenovelas nessa primeira década. Além disso, é possível afirmar que, inicialmente, esses personagens homossexuais que se apresentavam de forma estereotipada eram ligados a formas grotescas de representação, garantindo um tom de humor no enredo (SILVA, 2015, p.74).

Nesse momento, os autores tentavam escrever temas polêmicos por meio de utilização da palavra implícita e metáfora, como uma maneira de resistência à atuação de censura. Devido à censura, mesmo que os personagens pudessem ser retratados como homossexuais através de gestos e vestimentas, não seria possível construir o relacionamento amoroso com outrem na telenovela (PERET, 2005, p.81). Assim, fica evidente que o governo não permitia a exibição da vida amorosa dos protagonistas homossexuais na tela (ibidem, p.83).

Ao entrar nos anos 1980, em certa medida, o controle político foi abrandado, permitindo que os autores elaborassem com palavras mais nítidas e menos metafóricas. Como Silva avaliou, essa década marcou “o início de uma exposição maior de LGBT na teledramaturgia da Rede Globo.” (SILVA, 2015, p.75). Entretanto, não podemos negar que a repressão da censura ainda perturbava a criação das tramas das telenovelas, nas quais a palavra *homossexual* nem sequer podia ser usada (PERET, 2005, p.85).

Nessa década, houve aproximadamente doze telenovelas que incorporaram os personagens homossexuais e desenrolaram a imagem e representação social da homossexualidade. No entanto, esses personagens foram majoritariamente colocados em papéis secundários. Apesar de muitas vezes serem exibidos em papéis negativos, a presença de personagens homossexuais contribuiu para fomentar discussões acerca da identidade sexual não normativa.

De acordo com a análise de Silva, em 1981, *Brilhante* é a primeira telenovela a apresentar a discussão de conflitos familiares no âmbito da sexualidade e a visão discriminatória contra os indivíduos que abalam as convenções sobre gêneros (SILVA, 2015, p.75). Esse conflito ocorre entre a mãe Chica e filho Inácio, que é desobediente e tem comportamentos não normativos. Devido ao problema sexual do filho, a mãe acaba por dar dinheiro ao amante do filho para ele se afastar do seu filho. Isso sugere que ainda há um longo caminho a percorrer em termos de aceitação de relacionamentos homossexuais dentro da família.

Em *Ciranda de Pedra* (1981), é relevante mencionar que os comportamentos e vestuários da personagem Letícia são associados à performatividade de gênero butch, não sendo correspondente às normas definidas pela sociedade. Assim, essa telenovela

levantou discussões acerca dos comportamentos de indivíduos que não se identificam com o seu sexo biológico.

Em 1985, destaca-se que um primeiro beijo entre pessoas do mesmo sexo foi apresentado na trama da telenovela *Um sonho a mais*, mesmo que esse enredo fosse tratado de forma cômica e engraçada a fim de não escandalizar o público (PERET, 2005, p.86). Nesse caso, podemos constatar que as demonstrações físicas de afeto dos papéis homossexuais constantemente provocaram as reações negativas por parte dos telespectadores.

Em alguma telenovela como *Roda de Fogo* (1986), os personagens homossexuais são os que trilham o caminho do crime, ligando à imagem de maldade. Dessa forma, mostra-se a relação entre os comportamentos sexuais não normativos e a criminalidade. É possível afirmar que, em virtude de visão estereotipada, alguns personagens gays são posicionados nos papéis negativos na telenovela, sendo considerados vilões que desafiam as convenções sexuais definidas pela sociedade (SILVA, 2015, p.75). Além disso, em 1987, as questões sobre a associação entre as condutas sexuais não normativas e religião de origem afro-brasileira foram nitidamente percebidas na telenovela *Mandala*. No enredo, o protagonista não apenas é homossexual e vilão, também exerce as práticas do culto de divindades como as do candomblé, isso gerou muita controvérsia, pois vinculou a imagem da homossexualidade ao paganismo, que muitas vezes é visto de forma negativa e associado ao “mal”. Por causa disso, bastantes instituições religiosas como diversas igrejas evangélicas reclamaram durante toda a exibição da trama dessa telenovela (PERET, 2005, p.89).

Adicionalmente, na telenovela *Vale Tudo* de 1988, é retratado um fenômeno em que a falta de interesse na procura de um parceiro romântico por parte de um jovem pode ser vista como algo incomum e “incorreto” por seus familiares e amigos íntimos, gerando desconfiança (ibidem, p.98). Pode-se dizer que a presença hegemônica do padrão de heterossexualidade ganhava grande espaço na vida dos brasileiros. Assim como as representações de lésbicas naquela época, as mulheres homossexuais só podiam vivenciar com as suas identidades sexuais se se encaixam em um modelo heteronormativo, como o apresentado na trama de *Vale Tudo*. Entretanto, também foi

nessa época que, por meio da telenovela, começaram a ser levantadas discussões acerca dos direitos dos homossexuais, como o direito de herdar patrimônio em caso de falecimento de um parceiro homossexual.

Durante a década de 90, houve um aumento na visibilidade de personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras. Aliás, a ampliação da visibilidade não resultou numa diversificação de representações. Nas telenovelas, por exemplo, os personagens homossexuais masculinos continuaram a receber mais destaque do que as personagens homossexuais femininas. Além disso, os papéis que desviavam dos padrões de heterossexualidade foram frequentemente apresentados de maneira caricata e cômica. Nessa época, foram produzidas dez telenovelas com personagens gays que suscitaram repercussões sociais e tolerâncias de diferentes níveis. Embora houvesse pessoas que aceitassem a presença de personagens homossexuais nas telenovelas, não podemos ignorar que também houve muitas pessoas que se opuseram.

Com o objetivo de estabelecer empatia com os telespectadores, foi utilizada a técnica denominada “narrativas de revelação” na produção de telenovelas, como em *A Próxima Vítima* (1995), em que a identidade sexual dos personagens homossexuais foi gradualmente desvelada ao longo da exibição da trama, construindo uma conexão emocional entre o público e o personagem antes de revelar que ele possuía uma orientação sexual diferente da norma (SILVA, 2015, p.77). Foi por meio da técnica utilizada e dos diálogos verbais, sem demonstrações claras de afeto, que os protagonistas homossexuais desta telenovela conseguiram conquistar a tolerância e a simpatia do público. No entanto, é importante ressaltar que o ator que interpretou o papel feminino enfrentou a mais intensa forma de exclusão por parte do público intolerante. O ator André Gonçalves, que interpretou um papel passivo, foi agredido por alguns jovens na rua, enquanto o ator Lui Mendes que desempenhou um papel ativo, nunca passou por algo semelhante (PERET, 2005, p.95). Por causa da rejeição de alguns telespectadores, as tramas envolvendo personagens homossexuais foram curtas em *Torre de Babel* (1998), assim isso passou a ser uma prova de discriminação em relação à representação da homossexualidade na telenovela brasileira. Nessa época, com o

surgimento dos estudos queer ²⁷e de grupos de conscientização LGBT, os membros acabaram protestando contra o tratamento injusto sofrido por atores que representaram personagens homossexuais e foram perseguidos.

No século XXI, houve uma revitalização das produções televisivas, particularmente com o aumento significativo do lançamento de telenovelas abordando temas relacionados ao gênero e à sexualidade. Com o crescimento da visibilidade da representação de homens homossexuais, percebe-se uma transformação na performatividade desses personagens em telenovelas, na qual seus comportamentos passaram de ser predominantemente *camp* para se adequarem a padrões mais heteronormativos. Entretanto, isso não significa que os homossexuais *camp* não envolveram mais em telenovelas brasileiras. É importante notar que os homossexuais com comportamentos heteronormativos estavam, em sua maioria, posicionados na classe média, enquanto os gays *camp* caracterizados por comportamentos estereotipados e afeminados, normalmente pertenciam às camadas populares. Assim, é interessante observar que esses personagens homossexuais com comportamentos heteronormativos foram bastantes prestigiados nas tramas das telenovelas e não foram passíveis de ser alvo de zombaria do público por suas identidades sexuais (SILVA, 2015, p.78). Apesar de entrarmos no novo século, boa parte do público ainda não é capaz de aceitar um relacionamento explícito que represente uma afeição física entre duas pessoas do mesmo sexo nas telenovelas. Observa-se que alguns atores que interpretaram papéis considerados efeminados ainda eram submetidos a tratamentos desconfortáveis. Por exemplo, o ator Kaiky Brito, que atuou na telenovela *Chocolate com Pimenta* (2003), mencionou que enfrentou situações desconfortáveis com seus colegas de escola e jovens na rua, o que quase o fez desistir da gravação da novela (PERET, 2005, p.102).

Embora a representação das lésbicas não tenha sido tão frequente como a de gays masculinos, foram as lésbicas que motivaram discussões sobre sexualidade naquela época, causando impacto social e compartilhando temas relacionados à abordagem da sexualidade por mulheres da idade tenra, conflitos e disputas familiares, a busca pela

²⁷ Os estudos queer são uma abordagem teórica que engloba diversas áreas, como antropologia social, sexualidade, sociologia, psicologia, etc, desacreditando concepções naturalistas em relação ao gênero e à sexualidade.

relação monogâmica, entre outros. Além disso, em algumas telenovelas também foram apresentados sinais favoráveis em defesa dos direitos humanos da comunidade homossexual, tais como a recusa de associar a sexualidade não normativa com personalidade pervertida em *Celebridade* (2003) e a adoção de bebês por casais gays em *Mulheres apaixonadas* (2003) (ibidem, p.104).

Desde 2010, diferentemente de épocas anteriores, há uma variedade de personagens homossexuais que apareceram em diferentes horários nas telenovelas. Convém ressaltar que os atores mais jovens, entre 21 e 30 anos, têm participado mais das tramas das telenovelas brasileiras. Isso possibilitou que os assuntos relacionados à sexualidade não normativa fossem discutidos entre as populações mais jovens (SILVA, 2015, p.82).

A partir de 2010, as mídias passaram a enfatizar excessivamente as diferenças, principalmente aquelas associadas “ao gênero, à sexualidade, à raça e à etnia”, juntamente com o surgimento das redes sociais (SANTOS, 2021, p.3). Uma boa parte da força conservadora acabou discordando das “políticas de reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade” (ibidem, p.3). No entanto, foi também nesse momento que o Brasil autorizou a união estável para casais homossexuais.

3.1.2 Modelo heteronormativo da homossexualidade na telenovela brasileira

Verifica-se que os personagens homossexuais nas tramas das telenovelas apresentam geralmente duas posturas distintas: a primeira é a daqueles que assumem publicamente sua orientação sexual e a segunda é a daqueles que mantêm sua homossexualidade em segredo (conhecido como estar no armário).

Uma boa parte dos personagens homossexuais que assumem plenamente sua identidade sexual como gays trazem geralmente um aspecto cômico às telenovelas, mas são frequentemente alvo de humilhação devido à sua orientação sexual ser abertamente

exposta ao desprezo público.

Em telenovelas brasileiras, há também muitos personagens homossexuais que se comportam dentro do modelo heteronormativo. Esconder sua identidade sexual pode ser percebido como uma forma de se submeter à hegemonia de heteronormatividade. Em vez de dizer que eles não querem sair do armário, é mais razoável compreender que eles não têm coragem de fazê-lo, já que estão conscientes dos possíveis conflitos familiares e desejam desfrutar dos benefícios associados ao mundo heterossexual hegemónico. Assim, eles evitam declarar publicamente sua orientação sexual, invisibilizando seus relacionamentos afetivos e sexuais. Além disso, esses personagens normalmente costumam se casar com uma mulher heterossexual para manter as aparências e a felicidade da família, enquanto mantêm um relacionamento extraconjugal com seu parceiro ou amante. Como em *Império* (2014), Cláudio e Leonardo são emblemáticos nessa situação. Cláudio mantém sua sexualidade em segredo e é casado com Beatriz, mas ainda assim não consegue deixar de amar o jovem Leonardo, como evidenciado nos diálogos da telenovela:

Cláudio: Eu não aguentava tantas ansiedades, eu precisava de descobrir quais as intenções daquele cara!
Leonardo: E descobriu...
Cláudio: Com certeza, ele quer me desmascarar!
Leonardo: Ohh!
Cláudio: Ele me destrui! É isso, ele quer escancarar naquele blog minha privacidade, a minha vida secreta, a minha sexualidade!!
Leonardo: Mas ele não pode fazer isso sem provas.
Cláudio: Ele vai arranjar provas muito breve.
Leonardo: Olha, somos discretos, entendeu?
Cláudio: Ele vai arranjar provas! Qualquer jeito! Ele é jornalista, joga sujo! Vai dar um jeito! Eu não sei que mude... radicalmente a minha vida.
Leonardo: Eu significo que?
Cláudio: A gente vai deixar de se ver, tenho que sair daqui! Ninguém pode me ver aqui, fica bem.
Leonardo: Não! Cláudio....
(*Império*, capítulo12)

Este trecho se refere ao diálogo que ocorreu logo após o blogueiro Téo Pereira

descobrir a sexualidade e a vida secreta de Cláudio. Com medo de que Teó Pereira revele o seu relacionamento com o jovem rapaz, Cláudio decide terminar com ele. Ao sair do hotel, Cláudio ainda usa óculos escuros para se disfarçar. Como Santos aponta que “a lógica assimilacionista normatiza personagens como Cláudio e Leonardo” e a palavra “discreto”, em certa medida, serve para descrever e caracterizar esses personagens. Isso demonstra que a política de assimilação busca incorporar os homossexuais em um mundo baseado na heteronormatividade (SANTOS, 2021, p.7).

Além disso, quando as telenovelas incluem relações entre pessoas do mesmo sexo, os produtores têm a intenção consciente e inconsciente de apresentar essas relações de uma forma que se assemelha às relações heterossexuais (BELELI, 2009, p.115). Se os relacionamentos homoafetivos não são criados com o propósito de entreter o público, dedicam-se à tarefa de se adequar ao padrão heteronormativo. Assim como o vínculo afetivo retratado na telenovela *Senhora do destino* (2004), em que Uiracy atuava como a “mulherzinha” e Turcão assumia o papel masculino dominante (COLLING, 2007, p.219). Pode-se dizer que a produção televisiva valoriza papéis homossexuais confinados ao modelo heteronormativo.

Para não desagradar a parcela conservadora ou aqueles que se opõem à igualdade de direitos para a população LGBT, os produtores decidiram fazer algumas alterações e cortes em cenas que envolviam a aproximação física entre personagens. Por isso, a cena entre Cláudio e Leonardo em *Império* parece carente de carícias e sensualidade, e um beijo entre os dois foi até mesmo cortado. É importante ressaltar que uma pesquisa demonstrou que, embora a maioria das pessoas não se oponha à abordagem de temas relacionados à minoria sexual nas telenovelas, há uma resistência a cenas que apresentam abertamente exhibições de amor homoafetivo (SANTOS, 2021, p.8).

Convém ressaltar que a elevada visibilidade do amor homoerótico na telenovela brasileira tem incentivado a discussão acerca da homossexualidade. No entanto, a representação ainda segue os padrões heterossexuais, reforçando a ideia de que a sexualidade é uma questão de identidade natural e normalizada, sem questionar a imposição da heteronormatividade. Pode-se compreender que a exibição de papéis não heterossexuais ainda se mantém superficial, uma vez que a evolução da representação

de personagens será ainda restrita às convenções de gênero e sexualidade (ibidem, p.11).

3.2 Homossexualidade na teledramaturgia chinesa

3.2.1 Desenvolvimento da homossexualidade na telenovela chinesa

Na história do desenvolvimento da teledramaturgia chinesa, a aparição das temáticas associadas à presença homossexual é relativamente tardia em comparação com o Brasil. Em 1993, com o surgimento de alguns filmes que abordavam o amor homoerótico como *霸王别姬 (Adeus Minha Concubina)*, *喜宴 (Banquete de Casamento)*, a presença da comunidade de minoria sexual começou gradualmente a tornar-se visível entre os telespectadores. Sob uma perspectiva artística, esses diretores geralmente davam um tratamento artístico às histórias emocionais de relacionamentos homoafetivos, evocando a compaixão e a simpatia da audiência por esse tipo de amor (LU, 2020, p.85). Naquele momento, a boa parte das pessoas chinesas foram influenciadas por essas obras de arte, o que aumentava o nível da aceitação em relação aos homossexuais.

Destaca-se que a crescente tolerância social tem contribuído para o surgimento de novos termos relacionados a figuras homossexuais. Por exemplo, na internet chinesa, a nova expressão *百合 (Baihe)*, que significa lírio em português, é usada para indicar mulheres lésbicas. Além disso, a palavra *同志 (tongzhi)*, que originalmente significa “camarada” e denota dois indivíduos que trabalham juntos por um objetivo comum, tem sido utilizada para categorizar e descrever gays masculinos na China. Assim, vislumbra-se uma transformação positiva na visão do público sobre a comunidade dos homossexuais na China.

O ano de 2001 foi um marco para os produtores chineses de filmes, já que a

modificação do regulamento da indústria do cinema possibilitou a produção de conteúdos menos convencionais e que destoam da norma. Nessa circunstância, bastantes cineastas chineses passaram a conquistar mais destaque no setor cinematográfico e produziram filmes mais realistas, “explorando as múltiplas facetas de uma sociedade em plena transformação.” (TING, 2012, p.47).

Portanto, também foi nesse ano que o filme *Fish and Elephant* foi lançado, abordando o amor entre duas mulheres. Dirigido por Li Yu²⁸, o filme foi bem recebido pela crítica e ganhou vários prêmios em festivais de cinema internacional. As protagonistas do filme, Qun e Ling se encontram em Pequim, onde Qun trabalha como tratadora de elefante em um jardim zoológico e Ling é uma jovem de Taiwan que acabou de se mudar para a cidade. O relacionamento afetivo delas enfrenta a oposição da família de Qun, e juntas elas enfrentam diversos desafios, incluindo a visão preconceituosa da sociedade chinesa em relação à homossexualidade. Vale destacar que o filme é considerado um marco no setor cinematográfico por ser um dos primeiros filmes a abordar abertamente a comunidade LGBT na China.

No que tange a telenovela que envolve os personagens homossexuais, nota-se o ano de 2015 como um marco na sua ascensão. Em maio daquele ano, *我和X先生(Eu e o Sr.X)* foi transmitido pela primeira vez por meio de uma plataforma online, marcando a entrada oficial do tema da minoria sexual no mercado televisivo chinês. Esta telenovela tem intenção de narrar a vida real e os sentimentos profundos da comunidade LGBT na China, estabelecendo uma empatia com o público. Embora esta telenovela não tenha atraído muita atenção dos telespectadores em geral, ela se tornou

²⁸ Li Yu (李玉 em chinês): é uma diretora e roteirista de filme, nascida em Pequim em 1973. Ela é conhecida por rodar filmes com temáticas sociais e políticos relevantes, além de explorar a complexidade dos relacionamentos humanos. Seus filmes têm sido exibidos em festivais de cinema de todo o mundo e ela é considerada uma das principais cineastas chinesas da atualidade.

a primeira tentativa ousada de tratar do tema LGBT no mercado da China continental.



Cartaz da telenovela *我和X先生* (*Eu e o Sr.X*) está acessível no

site: <https://movie.douban.com/photos/photo/2545584124/>

A data da última consulta: 1/4/2023

Em seguida, constata-se que o desenvolvimento desse tipo de telenovela atingiu um novo auge. Em 2015 e 2016, foram lançadas duas telenovelas baseadas em romances do autor Chai Jidan²⁹, chamadas *逆袭* (*contra-ataque*) e *上癮* (*viciado*). Convém destacar que *上癮* (*viciado*) obteve grande repercussão, com um total de 10 milhões de visualizações no primeiro dia. Durante a exibição, a série alcançou ainda mais de um bilhão de visualizações, tornando-se uma das produções televisivas mais populares do ano.

Aliás, logo após o seu lançamento, a série *上癮* (*viciado*) foi removido devido ao conteúdo que apresenta muita aproximação física entre dois personagens masculinos. A partir desse momento, na China continental, as telenovelas com temática homossexual transformam-se em séries caracterizados por bromance, indicando uma relação entre homens que parecem como amigos íntimos e amantes ao mesmo tempo. Nesse contexto, muitas telenovelas de bromance despontaram nessa época, tais como *陈情令* (*O Indomável*), *山河令* (*Palavras de Honra*), *镇魂* (*Guardião*), entre outros. Com o objetivo de garantir a aprovação de lançamento dessas séries, os produtores

²⁹ Chai Jidan (柴鸡蛋 em chinês): é uma autora conhecida por suas obras realistas de temas LGBT.

editaram extensivamente as cenas íntimas, tentando ocultar as emoções afetivas entre os personagens principais. De 2016 a 2020, este tipo de telenovela era muito popular na China, já que o bromance especial representado por telenovelas deixava muitos espectadores (especialmente jovens) com fantasias intermináveis. Por conseguinte, o Estado temia que essa fantasia ou curiosidade pudesse afetar a formação de visão moral dos menores em relação à sexualidade e gênero.

Assim, por volta de 2021, o Estado limitou o lançamento das telenovelas desse tipo. Apesar disso, o surgimento da telenovela de bromance pode ser visto como um pequeno passo em direção à reivindicação da visibilidade da minoria sexual na China.

3.2.2 Bromance na telenovela chinesa continental

Como mencionado anteriormente, desde 2016 até 2020, para evitar escândalos na sociedade, as telenovelas chinesas com temática homossexual passaram a ser apresentadas como séries de bromance. Geralmente, essas telenovelas de bromance são adaptações de romances homossexuais. Um exemplo é a telenovela *陈情令* (*O Indomável*) uma série de televisão chinesa baseada no romance homossexual de Mo Xiang Tong Xiu³⁰. A história é ambientada num mundo fictício de fantasia, onde a magia e o cultivo de energia espiritual são práticas comuns. O enredo de *Indomável* segue a história de Wei Wuxian, um jovem carismático e talentoso que retorna à vida após sua morte prematura para desvendar mistérios e combater o mal ao lado do seu

³⁰ Mo Xiang Tong Xiu (墨香铜臭 em chinês): uma autora chinesa de romances online, conhecida por sua habilidade em criar histórias de fantasia e personagens complexos, muitas vezes com elementos sobrenaturais e temas LGBT.

amigo Lan Wangji, que no romance é o amante de Wei Wuxian.



Cartaz da telenovela 陈情令(*O Indomável*) está acessível no site:

<https://baike.baidu.com/item/%E9%99%88%E6%83%85%E4%BB%A4/22426934>

A data da última consulta: 2/4/2023

Para que o lançamento da telenovela seja bem-sucedido, observamos que seria necessário modificar o enredo original, como o amor homoerótico no romance entre Wei Wuxian e Lan Wangji transforma-se em uma amizade na telenovela. É possível afirmar que não há emoções intensas entre os dois personagens como se revela no romance. Pode-se dizer que o relacionamento é interpretado muito superficial, resultado das limitações impostas pela produção para não ofender o público. A produção corta cenas e enquadra a história de forma que o amor pareça pasteurizado e sem profundidade. É de notar que algumas cenas de beijos e mãos dadas entre dois personagens principais foram cortadas.

Além disso, vale ressaltar que aumentar a duração da aparição de personagens do gênero oposto também é outra alternativa. Na telenovela *O Indomável*, uma personagem chamada Wenqing, que não deveria ter aparecido tão cedo na trama, estabelece um relacionamento ambíguo com Wei Wuxian. Adicionalmente, outra mulher que ganha destaque na telenovela é colega de Wei Wuxian, chamada Jiang Yanli. No original do romance, quando Wei Wuxian estava muito angustiado, ele chamava o nome de Lan Wangji para buscar conforto, mas na adaptação para a televisão, ele

chamava o nome de sua colega. Aqui podemos constatar que a telenovela de bromance é uma maneira de se submeter ao padrão de heteronormatividade.

De acordo com a análise da socióloga Wu Huidan, a popularidade das telenovelas de bromance está ligada à transformação do gosto estético das mulheres. Influenciadas pelo movimento feminista ocidental, as mulheres chinesas estão cada vez mais conscientes de seus direitos, exigindo a eliminação das diferenças de gênero e a igualdade de estatutos sociais. Isso também resultou em uma grande mudança nas demandas estéticas das mulheres. Anteriormente, as mulheres gostavam de homens viris e corajosos, mas hoje em dia a boa parte das mulheres preferem imagens de homens bons, gentis, carinhosos e charmosos. Se dois homens bonitos possuem uma alta afinidade entre si e suas personalidades se complementam, então a experiência amorosa que esse casal proporciona será fascinante e cativante para o público, envolvendo seus sistemas sensoriais (WU, 2015, p.87).

O pensamento confucionista tradicional chinês é um modelo cultural com forte tonalidade masculina, que por um longo período de tempo, como ideologia predominante na sociedade, influenciou a construção dos personagens masculinos em obras literárias e cinematográficas chinesas (SANG, 2015, p.24). Nesse sentido, com o sucesso crescente das telenovelas de bromance, as autoridades oficiais estão preocupadas com o impacto na formação da visão moral e sexual dos jovens. Assim, demonstra-se que os órgãos reguladores têm se tornado cada vez mais rigorosos na supervisão e aprovação deste mercado. Mesmo assim, a disseminação da telenovela de bromance durante esse período também levou o público a compreender melhor a situação da minoria sexual (LU, 2020, p.85).

3.3 Sumário: amor discreto na telenovela

Na indústria cultural, é inevitável reconhecer que a representação de personagens homossexuais é mais patente no Brasil do que na China. Desde a década de 70 até os

dias atuais, evidencia-se um desenvolvimento acelerado de telenovelas brasileiras com temática homossexual. Embora uma parcela considerável dos telespectadores brasileiros manifeste reações negativas em relação às tramas que apresentam a aproximação física e explícita entre dois personagens do mesmo sexo. Nesse contexto, é possível observar que, na telenovela brasileira, é mais aceitável o relacionamento amoroso expressado por diálogos orais, sem demonstrações explícitas de afeto.

Aliás, os filmes com temática LGBT só surgiram na década de 90. Até o ano de 2015, as telenovelas deste tipo começaram a entrar no mercado chinês continental. No entanto, devido à circunstância complicada da China, termos relacionados à homossexualidade nem podiam ser exibidos no ecrã da televisão. Apesar do surgimento de telenovelas com temática de bromance como um novo meio de sobrevivência, elas ainda sofrem restrições no lançamento pelas autoridades.

Nas telenovelas brasileiras, personagens que se assumem como homossexuais ou são representados como homens afeminados ou butch geralmente são retratados de maneira cômica. Porém, por causa da hegemonia da ideologia confuciana na China, não é de se esperar que personagens que alteram sua performatividade de gênero apareçam nas telenovelas chinesas.

Entretanto, tanto no Brasil quanto na China, a telenovela reflete as preferências da audiência e é moldada conforme a aceitação ou rejeição do público, “ao mesmo tempo que contribui ativamente para condicionar os conteúdos que esse mesmo público aceita e reconhece como normativo.” (SANTOS, 2021, p.11). É relevante reconhecer que, mesmo nas telenovelas que incorporam personagens homossexuais, ainda é difícil escapar amplamente do padrão ou modelo hegemônico de heterossexualidade. De acordo com a investigação realizada por Beleli, as telenovelas incluem relações entre pessoas do mesmo sexo, os produtores têm a intenção consciente e inconsciente de apresentar essas relações de uma forma que se assemelha às relações heterossexuais (BELELI, 2009, p.115). Às vezes, parece que as telenovelas continuam a enfatizar valores sociais convencionais e reforçam a ideia da heteronormatividade.

Pode-se compreender que a representação de papéis não heterossexuais ainda se mantém superficial, uma vez que a evolução da representação de personagens está ainda

restrita às convenções de gênero e sexualidade. Mesmo que o desenvolvimento de enredos que envolvem personagens homossexuais levante muitas discussões sobre a minoria sexual, é importante perceber que questões relativas aos direitos civis da comunidade homossexual, como “discriminação na educação e no mercado de trabalho”, “a união civil entre indivíduos do mesmo gênero”, “maior vulnerabilidade ao HIV/AIDS” ainda não foram abordadas adequadamente nas telenovelas (SANTOS, 2021, p.12). Nesse sentido, não é exagero afirmar que a representação autêntica de personagens não heterossexuais nas telenovelas exige uma demanda por encontrar e criar novos caminhos.

CONCLUSÃO

A partir da perspectiva histórica, inicialmente, a homossexualidade foi considerada o pecado nefando no Brasil durante o período colonial, sendo digno de se submeter ao castigo mais severo como a condenação à morte na fogueira. Na antiguidade chinesa, a atitude da sociedade em referência ao relacionamento homoerótico era marcada por maior tolerância e o amor entre pessoas do mesmo gênero era muito comum na classe alta na China.

Ao chegar ao tempo mais recente, as conquistas do movimento homossexual do Brasil eram inimagináveis para os *gays* chineses. Não obstante, segundo o relatório³¹ do Grupo Gay de Bahia de 2021, a cada 29 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Nesse contexto, apercebemo-nos que em todas as sociedades há pessoas que se sentem incomodadas com a presença homossexual. Porém, tanto as sociedades contemporâneas do Brasil quanto da China dão importância ao sofrimento das pessoas e querem reduzi-lo. Assim, mais pessoas homossexuais estão sendo respeitadas e há uma redução na repressão.

No segundo capítulo, destaca-se a análise dos ambientes adversos e estratégias da adaptação à sociedade heterossexual. Notamos que o ambiente de sobrevivência dos homossexuais é tão adverso tanto no Brasil quanto na China. Tristemente, há que observar que os homossexuais brasileiros são alvo de intimidação por causa da moral religiosa. No caso chinês, o confucionismo como a ideologia tradicional dominante representa uma força que tende a sufocar os homossexuais, fazendo com que entrem facilmente em depressão.

Alguns homossexuais brasileiros optaram por recorrer à Igreja que tem função de reorientar os comportamentos sexuais a fim de os ajudar a se adaptar novamente à sociedade heterossexual, não sendo os indivíduos deserdados por seus amigos e

³¹ O relatório está acessível no site oficial do grupo Grupo Gay de Bahia: <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Última consulta: 15/7/2022.

familiares. As estratégias dos homossexuais chineses como a busca de um namoro do género oposto e “casamento formal” são meios comuns para agradar os pais. Nessa circunstância onde a ideologia tradicional é dominante, os homossexuais que permanecem no “armário” não queriam destruir a harmonia da família e sofrer a “morte social” na vida quotidiana. Assim, convém ressaltar que as estratégias utilizadas tanto por homossexuais brasileiros quanto chineses são reações dolorosas face ao ambiente hostil à minoria sexual.

No último capítulo, o estudo de comparação está focado na perspectiva cultural. É inevitável reconhecer que a representação de personagens homossexuais é mais patente no Brasil do que na China. Desde a década de 70 até os dias atuais, evidencia-se um desenvolvimento acelerado de telenovelas brasileiras com temática homossexual. Aliás, os filmes chineses com temática LGBT só começaram a surgir desde a década de 90. Até 2015, as telenovelas deste tipo começaram a entrar no mercado chinês continental. No entanto, devido à complexidade da situação na China, não possível exibir na televisão questões relacionadas com temática homossexual. Apesar do surgimento de telenovelas com temática de bromance como um novo meio de sobrevivência, elas ainda sofrem várias restrições na censura e no lançamento pelas autoridades.

Nas telenovelas brasileiras, personagens que se assumem como homossexuais ou são representados como homens afeminados ou *butch* geralmente são retratados de maneira cómica. Porém, por causa da hegemonia da ideologia confuciana na China, não é de se esperar que personagens que alteram sua performatividade de género apareçam nas telenovelas chinesas. Além disso, às vezes, parece que as telenovelas pretendem enfatizar os valores sociais convencionais e reforçar a ideia da heteronormatividade. Pode-se compreender que a representação dos papéis não heterossexuais ainda se mantém superficial, uma vez que a evolução da representação de personagens continua a se restringir pelas convenções de género e sexualidade.

Os homossexuais que são sujeitos ao escárnio de outrem também desejam viver normalmente como todas as outras pessoas na sociedade. Nesse sentido, hoje em dia, a questão em pauta relacionada com direitos humanos é o respeito pelas pessoas e pelo facto de que elas serem diferentes umas das outras, sem que isso signifique que a sua

diferença ameace a vida coletiva. É de extrema importância acentuar que ainda há um longo caminho para percorrer, onde é indispensável o confronto entre a tradição e a inovação. Mesmo assim, todos os movimentos realizados pelos *gays* brasileiros e chineses são para mostrar que, o amor, independentemente de ser heterossexual ou não, deve ser respeitado.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Dallmer Palmeira Rodrigues de. “A homossexualidade desconstruída em levítico 18, 22 e 20, 13.”, 2006.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo (A Libertinagem no Rio de Janeiro)*, Rio: Laemmert C, 1906.

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e os seus Demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

BELELI, Iara. “Eles [as] parecem normais: visibilidade de gays e lésbicas na mídia”. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 3, n. 04, 2009.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. “Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês”. *Sacrilegens*, v. 6, n. 1, p. 4-11, 2009.

COELHO, Cláudio NP. “A tropicália: cultura e política nos anos 60”. *Tempo social*, v. 1, n. 2, p. 159-176, 1989.

CABRAL, J. *O amor às avessas: homossexualismo*. Rio de Janeiro, Gráfica Universal Ltda, 1995.

COLLING, Leandro. “Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados”. *Revista Gênero*, v. 8, n.1, p.207-222, 2007.

COSTA, Maria Joana Oliveira da. “Horas Extraordinárias: A Televisão como Veículo de Cultura”. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, 2018.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*, 2010.

DAMATTA, Roberto. “O carnaval como um rito de passagem”. *Ensaios de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, pp. 19-66, 1973.

DOS SANTOS, Rosana Maria. Bonecas, “Esta Cidade é Quadrada: A Perseguição aos travestis no Carnaval do Recife (1950–1970)”. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 7, n. 4, p. 134-154, 2021.

FACCHINI, Regina. “Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. *Cadernos Ael*, 2003.

FRY, Peter. *O que é homossexualidade*, 2012.

GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *cadernos pagu*, n. 15, p. 271-295, 2000.

_____; QUINALHA, Renan. “Homossexualidades, repressão e resistência durante a ditadura. Comissão Nacional da Verdade.(Org.)”. *Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade*, v. 2, p. 289-302, 2015.

HINSCH, Bret. *Passions of the cut sleeve: The male homosexual tradition in China*. Univ of California Press, 1990.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade*. Edicoes GLS, 1998.

JEFFREYS, Elaine. *Sex in China*. John Wiley & Sons, 2015.

JIN, Lizhen. “Um Estudo Comparativo Intercultural das Visões Chinesas e Ocidentais sobre a Homossexualidade”. *Revista da Universidade de MuDanjiang*, n. 12, p. 114-115, 2014.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. “Imprensa homossexual no Brasil na década de 1970”. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 8, n. 2, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. “Telenovela como recurso comunicativo”. *MATRIZES*, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009.

LU, Wu; LU, Hang. “O Mercado Chinês para o bromance como O indomável”, 2020.

LI, Yinhe; ZHENG, Hongxia. “Atitudes públicas em relação à homossexualidade”. *Revista da Universidade de Huanan*, n. 6, p. 31-36, 2013.

MENDONÇA, José Lourenço de; MOREIRA, Antônio Joaquim. *História dos principais atos e procedimentos da Inquisição em Portugal*. Lisboa: Tipografia de J. B. Morão, 1845.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Edufba, 2018.

MOTT, Luiz. *Etno-história da homossexualidade na América Latina*. 1994.

_____. *BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA*, Salvador: GGB, v. 12, n. 27, ago. 1993.

_____. “Homofobia: uma praga cristã”. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, 2007.

_____. “The gay movement and human rights in Brazil”. *Latin American male homosexualities*, p. 221-30, 1995.

MAFRA, CC J. “Construção de gênero e estilo eclesial entre os evangélicos”. *Revista Universidade Rural. Série ciências humanas*, v. 18, n. 1-2, p. 91-108, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. “Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de aids: notas de uma pesquisa”. *cadernos pagu*, n. 11, p. 275-301, 1998.

NEILL, James. *The origins and role of same-sex relations in human societies*. McFarland, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 115-132, 2006.

PINA-CABRAL, João de. *Between China and Europe: person, culture and emotion in Macao*. Routledge, 2020.

PAN, Guangdan. *Xing Xinli Xue[Psicologia do Sexo]*. Zhejiangwenyi editora, 2018.

PERET, Luiz Eduardo Neves et al. “Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira”. 2005.

PERLONGHER, Néstor. “O desaparecimento da homossexualidade”. In: *Saúdeloucura*, 3. 1991. p. 39-45.

QUINALHA, Renan Honorio. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Universidade de São Paulo, 2017.

RUAN, Fang-fu; TSAI, Yung-mei. “Male homosexuality in contemporary mainland China”. *Archives of sexual behavior*, v. 17, n. 2, p. 189-199, 1988.

RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio. Francisco Alves, 1938.

REIS, Toni. “Avanços e desafios para os direitos humanos das pessoas LGBT”. *Minorias sexuais: direitos e preconceitos*. Brasília: Consulex, p. 55-68, 2012.

SILVA CARVALHO, Adriano. “O pecado de Sodoma”. *Pesquisas em Teologia*, v. 5, n. 9, p. 128-146, 2022.

SILVA, Fernanda Nascimento da. “Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida”. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

STOTT, John RW. *Grandes questões sobre sexo*. Vinde Comunicações, 1993.

SANTOS, Manoel Antônio dos et al. “Formações discursivas sobre homossexualidade e família homoparental em telenovelas brasileiras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, 2021.

SAUL M. Olyan. “And with a male you shall not lie the lying down of a woman: On the meaning and significance of Leviticus 18:22 and 20:13”. *Journal of the History of Sexuality*. Nº5, 1994, p.186.

SILVA, R. M. “O pecado nefando na primeira visitação do Santo Oficio ao Brasil (1591-1595)”. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 62–84, 2017.

SILVA SANTOS, Valdeci. “Uma perspectiva crist a sobre a homossexualidade”. *Fides reformata*, v. 8, n. 1, p. 99-132, 2003.

SANG, Yuwei. “Um estudo do amolecimento do papel masculino em telenovelas populares desde os anos 90”. Universidade de Heilongjiang, 2015.

TING, Su. “Novas representações da homossexualidade no contexto da China”. *Fragmentum*, v. 1, n. 35, p. 46-54, 2012.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. “As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana”. *Revista mal-estar e subjetividade*, v. 9, n. 2, p. 487-525, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

WALEY, Arthur et al. *The book of songs*. Routledge, 2012.

WU, Huidan. “Uma análise mais profunda da tendência de dramas televisivos: O exemplo de Espadas de Lendas”. *The Media Today*, p.86-87, 2015.

WANG, Qingfeng. “Identificação sem "sair do armário" - um estudo da situação actual da sobrevivência dos homossexuais.” *Revista da Universidade Agrícola da China: Edição de Ciências Sociais*, v. 28, n. 4, p. 142-153, 2011.

XINGJIE, Dai. “A aceitação da cultura homossexual na China e em Portugal”, 2021.

XAVIER, João Carlos. *O dia em que nasci de novo*. João Carlos Xavier, 2016.

XU, Lili; Bao, Yuyin. “Uma interpretação da Influência do Confucionismo Tradicional sobre as Atitudes Homossexuais na Sociedade Chinesa Contemporânea”. *Ética médica chinesa*, v. 32, n. 6, p. 733-736, 2019.

XIE, Ying; PENG, Minggang. “Attitudes toward homosexuality in China: Exploring the effects of religion, modernizing factors, and traditional culture”. *Journal of Homosexuality*, v. 65, n. 13, p. 1758-1787, 2018.

XU, Yuanchong. *Book of Poetry*. Changsha: Hunan Publishing House, 1993.

ZHANG, Nan; Zhang, Jing. “A influência das visões éticas tradicionais sobre o fenómeno da homossexualidade na história chinesa e ocidental”. *Revista da Universidade de Heilongjiang*, n. 3, p. 182-183, 2010.

ZHANG, Xiaobing. “A situação incómoda dos jovens homossexuais na China: o confronto entre a tradição e a identificação”. *Estudos sobre a juventude na China*, n. 10, p. 72-78, 2018.